

ANO 5 - NÚMERO 56 - JUNHO 2019

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15



ABELHAS:
AGROTÓXICOS
DEVASTAM COLMEIAS
p. 08

BIODIVERSIDADE

Tamanduá: o menor e mais raro tamanduá do mundo

p. 16

CONSCIÊNCIA NEGRA

A luta contra o racismo no coração do Brasil

p. 29

SAÚDE

Bromélias não propagam dengue

p. 31

Não tem sentido

ENFRAQUECER & FATIAR & REDUZIR & PRIVATIZAR A CAIXA

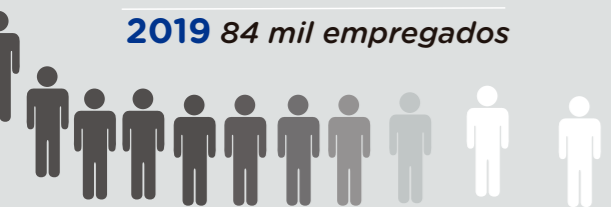
Uma Caixa forte, 100% pública, social e a serviço dos brasileiros é fundamental para o desenvolvimento do país e para a diminuição das desigualdades. Entregar áreas de atuação do banco, como cartões, gestão de ativos e loterias é uma forma de privatizar e enfraquecer a empresa. Em recente pesquisa, 71% da população se manifestou contrária à privatização da Caixa, o banco de todos os brasileiros. É tarefa de todos lutar contra essa visão rentista, que só pensa em lucro, e evitar o retrocesso na gestão dos recursos sociais sob a responsabilidade da empresa.

+ EMPREGADOS PARA A CAIXA
+ CAIXA PARA O BRASIL

Mais empregados e melhor atendimento à população

A Caixa perdeu 17 mil empregados desde 2014. Com o novo Programa de Demissão Voluntária (PDV), lançado em 20 de maio, espera dispensar mais 3,5 mil trabalhadores. Com menos bancários, o atendimento piorou, a sobrecarga de trabalho cresceu e tanto clientes como os trabalhadores foram prejudicados.

2014 101 mil empregados
2019 84 mil empregados



179 milhões de pagamentos aos trabalhadores

Injetando na economia mais de R\$ 274 bilhões. Seguro desemprego, Abono Salarial e PIS responderam por R\$ 65,3 bilhões.



Pagamentos do Bolsa Família

R\$ 29,2 bilhões/ 158,8 milhões de pagamentos



Operações de saneamento e Infraestrutura

R\$ 84,3 bilhões



Crédito Rural

R\$ 7,5 bilhões *Dados 2018

Loterias contribuem para educação, saúde e segurança de todos

Os repasses sociais das Loterias Caixa arrecadaram no último ano quase **R\$ 13,9 bilhões**, transferindo **R\$ 5,4 bilhões** aos programas sociais nas áreas de seguridade social, esporte, cultura, segurança pública, educação e saúde. Com a venda da Loteria Instantânea (Lotex), quem perde são os brasileiros: a transferência de recursos para programas sociais deve ser reduzida de 39% para 16,7%.



39% da arrecadação das loterias vão para os programas sociais nas áreas de Seguridade Social, Esporte Cultura, Segurança, Educação e Saúde



Minha Casa, Minha Vida: por mais recursos para a habitação

Reivindicamos mais investimentos no setor habitacional, em especial aqueles destinados à baixa renda e a gestão da Caixa de recursos para esse fim, como o FGTS. Em 2019, o Minha Casa Minha terá o menor orçamento desde a sua criação, apenas R\$ 4,4 bilhões, mas o déficit habitacional continua a crescer. O programa vem sofrendo cortes nos investimentos e o desemprego já preocupa a construção civil. É preciso retomar o programa em sua plenitude, tanto para gerar emprego quanto para suprir a demanda por moradia popular.



Redução de Agências

Com 55 mil postos de atendimento, a Caixa está presente em todo o país. Além de ter agências em lugares distantes, é o único banco a possuir agência barco para atender às comunidades ribeirinhas. Mas, o número de unidades tem diminuído, especialmente nas cidades e bairros afastados dos grandes centros comerciais e financeiros, deixando a população menos favorecida sem serviços bancários e políticas sociais em áreas como habitação, educação, cultura e esporte.



Juros altos e menos crédito

A Caixa já teve os juros mais baixos para a população. Nos últimos anos, o banco mudou sua orientação e vem praticando taxa de juros de mercado, comparando-se aos bancos privados, que só buscam o lucro. Este não é o papel da Caixa, que sempre foi uma das melhores opções de crédito do país. As recentes mudanças afetam também os empresários, que estão fechando seus negócios por falta de crédito e desempregando milhares de brasileiros.

“ **Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá.** ”

Chico Buarque

COLABORADORES/COLABORADORAS JUNHO

Altair Sales Barbosa – Antropólogo. Ailton Krenak – Líder Indígena. Bia de Lima – Professora. Castro Alves – Poeta (*in memoriam*). Eduardo Pereira – Sociólogo. Emir Sader – Sociólogo. Fábio Zuker – Jornalista. Iêda Leal – Professora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Gil Barbosa Terceiro – Folclorista. Ingrid Bárbara – Jornalista. Laura Braga – Jornalista. Leonardo Boff – Teólogo. Maisa Lima – Fotógrafa. Lúcia Resende – Professora. Raphael Alves – Fotógrafo. Rodrigo Couto – Jornalista. Suzana Camargo – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. Emir Sader – Sociólogo |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista | 8. Graça Fleury – Educadora |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. Elson Martins – Jornalista | 12. Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Disse uma vez o Einstein que, se o mundo ficar sem abelhas, a vida humana não dura mais do que quatro anos. Pois bem: as abelhas estão morrendo, aos milhões, assassinadas por venenos pulverizados por nós mesmos, os humanos, a raça que pode ser extinta.

Só neste primeiro semestre de 2019, estudos mostram que o sul do Brasil perdeu meio bilhão de abelhas europeias ou africanizadas. Isso sem contar as estatísticas das outras regiões, sobretudo a Nordeste, que é também grande produtora de mel.

Também não se sabe ainda o impacto dos agrotóxicos nas colmeias nativas, mas é de se imaginar que as grandes polinizadoras do que resta de nossas matas nativas podem estar seguindo o mesmo destino.

Esse é o tema tratado em nossa matéria de capa da edição 56. Junto a ela, vem a informação ecológica sobre como chegaram ao Brasil as abelhas europeias e africanas que produzem em grande escala os nossos potes de mel.

E tem mais: atendendo ao pedido de um leitor, fomos atrás de uma receita da farofa de formiga; e falamos sobre a luta contra o racismo no coração do Brasil; sobre o incrível tamanduá, o menor tamanduá do mundo; sobre as bromélias, que não causam dengue; e sobre Maria de Dea, a Bonita do Capitão Virgulino.

E, neste mês do meio ambiente, tem uma matéria imperdível sobre Anamá, uma cidade que vive metade do tempo debaixo de águas na Amazônia.

É isso, tá aí a X 56, feita com muito carinho pra você.

Bom proveito!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk
Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

"Uma revista que está na vanguarda do mundo, antecipando as preocupações que teremos no futuro caso o descontrole do consumo continue. Uma revista que mostra o verdadeiro mundo em que vivemos e suas riquezas!" - **Paulo Leocárdia, Brasília, DF**

"Além da revista, estou encantada com as camisetas da loja! Estampas muito relevantes, especialmente para os dias de hoje.." - **Jéssica Coutinho, Teresina, PI**

"Queria parabenizar a revista por implementar uma loja solidária, ou seja, onde uma parte da renda é revertida para causas sociais. Isso demonstra a responsabilidade da Xapuri com seus compromissos morais e éticos!" - **Sandra Pereira, Cambuquira, MG**



08

CAPA

Abelhas: agrotóxicos devastam colmeias

29

CONSCIÊNCIA NEGRA

A luta contra o racismo no coração do Brasil

18

ECOTURISMO

O maior São João do mundo

34

CULTURA

Chico, Karim, Kleber, Juliano, Elza: premiada a arte brasileira da resistência

22

AVOSIDADE

Anjos em forma de gente

46

UNIVERSO FEMININO

Maria de Dea, a bonita
Maria de Lampião: coragem, valentia e paixão no Cangaço

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

15 ECOLOGIA

Os potes de mel

30 GASTRONOMIA

Farofa de formiga

16 BIODIVERSIDADE

Tamanduá: o menor e mais raro tamanduá do mundo

31 SAÚDE

Bromélias não propagam dengue

19 MITOS E LENDAS

Pegadas de Santo Antônio

32 ENTREVISTA

Gleisi Hoffmann: as pessoas já sabem que a reforma da previdência só é boa para os ricos

23 LITERATURA

O baile na flor

38 SAGRADO INDÍGENA

Ser índio no Brasil nos dias de hoje...

24 CONJUNTURA

Eleição foi uma fraude: povo tem que decidir os rumos do Brasil

40 MEIO AMBIENTE

Anamã: metade do ano na água, outra metade na terra

26 SUSTENTABILIDADE

O amor em tempos de ira e ódio

As imagens mais populares da @xapuri_lojasolidaria

Imagem do mês
2.360 curtidas

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



ABELHAS: AGROTÓXICOS DEVASTAM COLMEIAS

Jaime Sautchuk



Mal o dia havia raiado e já se ouvia o ronco do motor do avião agrícola – aquele mosquito metálico, gigante, borrifador de veneno. Voando baixo, ele estava ali para espalhar altas doses de inseticidas sobre uma enorme área onde se revezam lavouras de soja e milho. O cheiro é muito forte.

Seu Orlando e Dona Zilá, moradores de um sítio não muito longe dali, pressentem o estrago nas colmeias por eles dispersas nas redondezas. No início da tarde, a cena do crime: começam a aparecer abelhas mortas pelo chão e em pouco tempo as colmeias montadas pelo casal, com abelhas europeias, estarão dizimadas.

Eles não sabem o que irá ocorrer com as abelhas silvestres, incrustadas nas matas de toda a região. Sobre essas comunidades ninguém tem controle, muito pouco se sabe. É certo, no entanto, que elas também deixarão de visitar as plantas e de produzir mel com mais brevidade ainda, pois as abelhas domésticas são alimentadas por seus criadores, o que as torna mais resistentes.

Grande parte das abelhas mortas por veneno é infectada quando sai pra percorrer suas rotas de polinização ou coleta de alimentos. Normalmente, elas morrem ali mesmo. Muitas vezes, porém, elas conseguem voar até suas colmeias e se recolher, indo morrer lá dentro, o que provoca a contaminação de todo o enxame, que em poucas horas estará extinto.

Nos primeiros meses do ano, grande mortalidade de abelhas ocorreu em vários estados brasileiros com a destruição de centenas de apiários pela ação de inseticidas utilizados em grandes lavouras. Além de serem venenos altamente letais, não há controle sobre os méto-

dos de uso, especialmente sobre a quantidade usada em cada aplicação.

Em verdade, o modelo agrícola em vigor no Brasil, com extensas lavouras e larga utilização de agrotóxicos, está matando abelhas de modo desenfreado, afetando negativamente o ciclo de vida em nossa fauna e flora.

Ademais, a mudança do cenário socioeconômico do campo, com a expulsão do pequeno proprietário pelo grande produtor, ajuda a afetar o setor. A manutenção de colmeias como atividade agregada requer esmero e dedicação e é importante gerador de renda, mas esses fatores acabam virando secundários no processo.

MAIS VENENO

Atualmente, os estados da Região Sul lideram a produção nacional, mas competem com alguns estados nordestinos, especialmente o Ceará, produtor tradicional, que vem passando por ações de modernização de sua apicultura. As previsões da Federação de Apicultura do Ceará (Fecap) são de retomada de posição de liderança no ranking nacional ainda em 2019. Todos, porém, enfrentam um inimigo comum: o agrotóxico.

No final de maio, uma nota circulou na mídia oficial, informando que o Ministério da Agricultura havia publicado, no Diário Oficial da União, a autorização para comercialização de mais 31 agrotóxicos no Brasil, dando continuidade ao objetivo do governo de Jair Bolsonaro de agilizar as análises dos pedidos de registro.

Dos 31 produtos, 13 foram avaliados como extremamente tóxicos à saúde humana e 14 como muito ou altamente perigosos ao meio ambiente. Segundo a

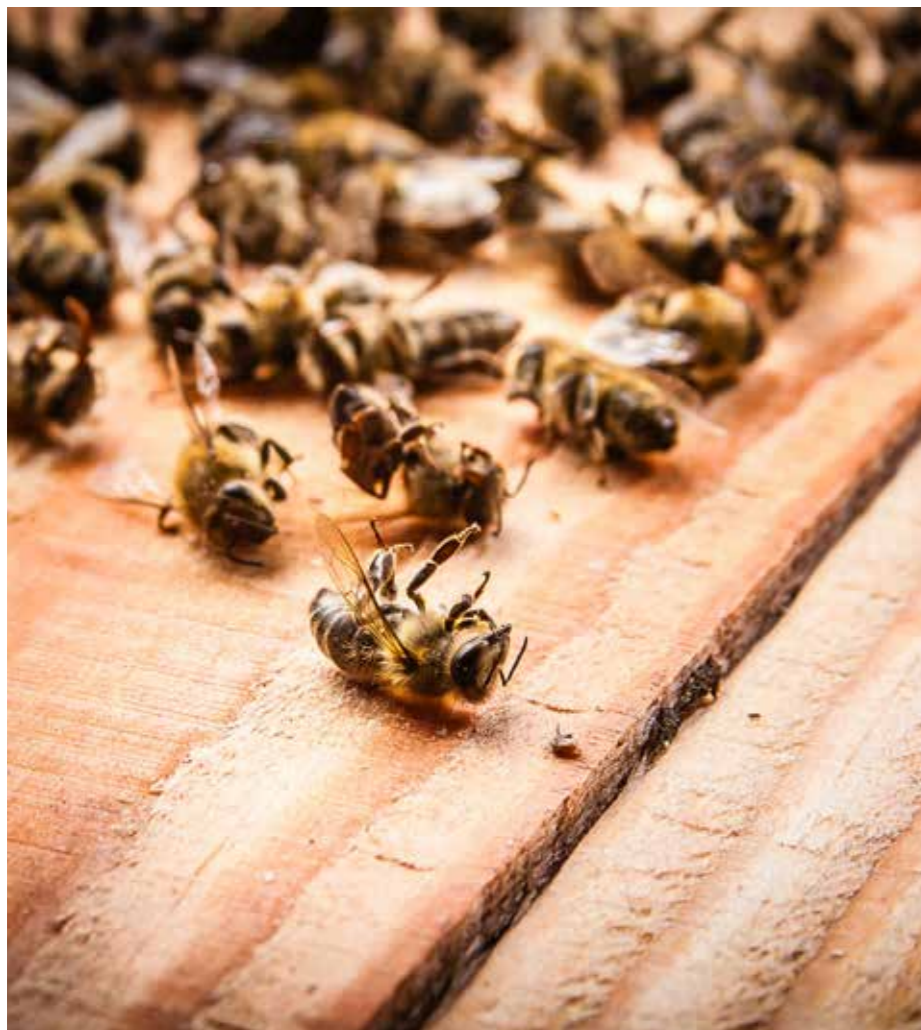
jornalista Fernanda Wenzel, a lista não traz novidades em termos de moléculas. Ou seja, são os mesmos princípios ativos já vendidos no Brasil, apenas sob novas marcas (genéricos) ou formulações.

“O que chama atenção é que um dia após o Dia Mundial das Abelhas (20 de maio), marcado por alertas sobre a mortalidade destes polinizadores, o governo registrou mais dois inseticidas à base do princípio ativo Fipronil e um à base de Tiametoxam (neonicotinóide proibido na União Europeia), diretamente relacionados às mortalidades de abelhas”, afirma ela.

Ela produziu um material que contou com a participação de vários técnicos, especialistas, que avaliaram a situação de modo sistemático.

“Não existe uma doença que mate as abelhas, 100 colônias ao mesmo tempo, em dois, três dias. Isso é característico do uso de agrotóxicos. Nós temos vários casos no Brasil, isso vem acontecendo há bastante tempo. A gente tem trabalhado inclusive com os agricultores nos sistemas de aplicação para diminuir, mas inseticida é para matar inseto, e abelha é inseto”, explica Roberta Nocelli, bióloga e professora da Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo.

As abelhas são as principais polinizadoras da maioria dos ecossistemas do planeta. Voando de flor em flor, elas polinizam e promovem a reprodução de diversas espécies de plantas. No Brasil, de 141 espécies de plantas cultivadas para alimentação humana e produção animal, cerca de 60% dependem em certo grau da polinização deste inseto. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), 75% dos cultivos destina-



dos à alimentação humana no mundo dependem das abelhas.

MAIS MORTANDADE

O cientista Albert Einstein previu, no século passado que, se as abelhas desaparecessem da superfície da Terra, o ser humano teria apenas mais quatro anos de vida.

A morte em grande escala desse inseto, interpretada como apocalíptica na época, hoje é um alerta real. Desde o começo do século, casos de morte e sumiço de abelhas são registrados nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, estudiosos destacam episódios alarmantes a partir de 2005.

Agora, o fenômeno parece

chegar ao ápice. Nos últimos três meses, mais de 500 milhões de abelhas foram encontradas mortas por apicultores apenas em quatro estados brasileiros, segundo levantamento da Agência Pública e Repórter Brasil.

Foram 400 milhões no Rio Grande do Sul, 7 milhões em São Paulo, 50 milhões em Santa Catarina e 45 milhões em Mato Grosso do Sul, segundo estimativas de associações de apicultura, secretarias de Agricultura e pesquisas realizadas por universidades.

O principal causador, afirmam especialistas e pesquisas laboratoriais analisadas pela reportagem da Pública, é o contato com agrotóxicos à base de

neonicotinoides e de Fipronil, produto proibido na Europa há mais de uma década.

Esses ingredientes ativos são inseticidas fatais para insetos, inclusive abelhas, e quando aplicados por pulverização aérea se espalham pelo ambiente. Os principais inimigos das abelhas são os agrotóxicos neonicotinoides, uma classe de inseticidas derivados da nicotina, como por exemplo o Clotianidina, Imidacloprid e o Tiametoxam.

A diferença para outros venenos é que ele tem a capacidade de se espalhar por todas as partes da planta. Por isso, costuma ser colocado na semente, e tudo acaba com vestígios: flores, ramos, raízes e até no néctar e pólen. Eles são usados em diversas culturas, como de algodão, milho, soja, arroz e batata.

Até os Estados Unidos caminharam na mesma direção, de controle do uso de defensivos agrícolas, em defesa das abelhas. Em 2013, um relatório do Departamento de Agricultura americano (USDA) mostrou que quase um terço das abelhas de colônias do país morreram durante o inverno de 2012/2013. No ano seguinte, o então presidente americano Barack Obama proibiu o uso de neonicotinoides em áreas de vida selvagem.

Além dos neonicotinoides, há casos de mortandade relacionados também ao uso de agrotóxicos à base de Fipronil, inseticida que age nas células nervosas dos insetos e, além de ser utilizado contra pragas em culturas como maçã, soja e girassol, é usado até mesmo em coleiras antipulgas de animais domésticos.

Muitas vezes esse veneno é aplicado em pulverização aérea, o que o expõe diretamente às abelhas. Segundo pesquisa da Embrapa, de 2004, 19% do agrotóxico aplicado através do método de pulverização aérea

são dispersados para áreas fora da região de aplicação, bem além do seu alvo.

MONITORAMENTO

Por meio de notícias da imprensa, investigações do Ministério Público e estudos científicos, a reportagem já citada identificou casos de mortandade de abelhas em pelo menos dez unidades da Federação brasileira, desde 2005: Ceará, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

O engenheiro agrônomo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Aroni Sattler é especialista em sanidade das abelhas e trabalha na área desde 1973. Segundo ele, casos de mortes de enxames se tornaram mais recorrentes na última década.

"Devido ao meu trabalho, sempre recebi amostras de abelhas para análises, e vim percebendo que cada vez mais não havia sinais de doenças nos insetos que explicassem mortandades tão agudas", explica Aroni.

No ano passado, ele foi procurado pelo Bioensaios, um laboratório privado, pra orientar um trabalho sobre coleta de amostras em casos de mortandade. Foram analisados 30 casos de grandes baixas em enxames no Rio Grande do Sul. Os resultados mostram que cerca de 80% ingeriram ou tiveram contato com Fipronil antes de sucumbir.

O especialista aponta que, mesmo naquelas que não apresentaram vestígio dos agrotóxicos, pode ter ocorrido contato. "Nos outros 20%, é notado que a coleta das amostras não foi feita adequadamente, ou foi feita em um período muito longo após a mortandade, o que dificulta a identificação dos tóxicos".

Ao mesmo tempo, porém, a maioria dos apicultores afetados no Brasil inteiro atesta nunca ter usado agrotóxicos em suas lavouras, de modo que a infestação tem origem externa. E coincide, sempre, com períodos de aplicação de venenos por via aérea, com uso de aviões borrifadores.

ECONOMISTAS

A *Royal Economic Society*,

entidade que congrega os economistas britânicos, tem uma abelha no seu logotipo. Na terra de grandes economistas, o inseto laborioso é respeitado e sua forma de organização já serviu de base a incontáveis estudos acadêmicos.

As colmeias são, enfim, o que os economistas chamam hoje em dia de externalidade positiva. Ou seja, é um fator externo à Economia real que contribui positivamente à sua evolução. E continua sendo objeto de estudos.

O economista Tim Harford escreve uma coluna no jornal *Financial Times*. Recentemente, ele se ateve ao tema neste artigo cujo resumo é esclarecedor:

"No decorrer do tempo, as pessoas começaram a se preocupar com o desperdício e com o tratamento dispensado aos animais que não apenas forneciam aos humanos mel, mas também polinizavam as plantas.

Na década de 1830, um movimento pelos direitos das abelhas emergiu nos Estados Unidos sob o lema 'nunca mate uma abelha'.

Em 1852, o escritório americano de patentes concedeu a patente número 9300A ao sa-



cerdote Lorenzo Langstroth pela invenção de uma colmeia com moldura removível.

A colmeia de Langstroth é uma caixa de madeira com uma abertura na parte superior e molduras móveis, cuidadosamente separadas uma da outra pelo intervalo mágico de 8 milímetros de 'espaço abelha' – qualquer coisa maior ou menor que isso faz com que os insetos construam suas próprias estruturas nas molduras e dificultem a extração do mel.

A rainha fica na parte de baixo, separada por uma grade no 'isolamento de rainhas' – uma rede que a impede de circular, mas permite a entrada das abelhas operárias. Isso mantém as larvas distantes dos favos de mel.

Os favos são retirados com facilidade e colhidos por uma centrífuga que gira e expelle a parte líquida, filtrando o mel.

Com esse aparelho, uma maravilha do design e da eficiência, a nova colmeia permitiu a 'industrialização da abelha'. E foi essa industrialização que escapou a James Meade. A abelha melífera é um animal cuidadosamente domesticado.

Com as colmeias de Langstroth, as abelhas se tornaram portáteis. A partir de então, nada impedia que produtores rurais chegassem a um acordo financeiro com apicultores para que eles pudessem posicionar as colmeias no meio da plantação.

Algumas décadas depois do exemplo famoso de James Meade, outro economista, Steven Cheung, ficou curioso sobre o assunto e fez algo que nós economistas talvez não façamos o suficiente: ele chamou pessoas do 'mundo real' e perguntou a elas o que de fato acontecia.

E descobriu que, com frequência, eram os produtores de maçã

que pagavam aos apicultores pela polinização de suas plantações.

No caso de outras culturas, os apicultores de fato pagam aos produtores rurais pelo fato de que suas abelhas se beneficiam do néctar das plantações adjacentes.

Um exemplo nesse sentido é a hortelã, que não precisa de ajuda das abelhas, mas que rende mel de excelente qualidade. Maçãs e abelhas não são, portanto, bons exemplos de externalidades positivas, já que a interação entre elas cria de forma natural um mercado – e grande.

Atualmente, seu centro de gravidade é a indústria de amêndoa da Califórnia. A oleaginosa ocupa quase 4 mil km² do Estado – e movimenta cerca de US\$ 5 bilhões por ano. As amendoeiras precisam de abelhas – mais precisamente de 5 colônias por hectare, alugadas por cerca de US\$ 185 cada uma.

As colmeias de Langstroth são amarradas em caminhões articulados – 400 por veículo – e levadas para os campos de amendoeiras da Califórnia a cada nova primavera. Isso tudo à noite, enquanto as abelhas estão dormindo.

Os números impressionam: 85% dos 2 milhões de colmeias comerciais existentes nos EUA são deslocados e, com eles, dezenas de bilhões de abelhas.

Como descreve a autora Bee Wilson em *The Hive: The Story of the Honeybee and Us* (A colmeia: a história da abelha melífera e nós), os grandes apicultores americanos administram 10 mil colmeias cada um e, da Califórnia, podem viajar milhares de quilômetros até chegarem aos campos de cerejas no Estado de Washington, aos campos de girassóis na Dakota do Norte

e Dakota do Sul, às plantações de abóboras na Pensilvânia ou de blueberries no Maine.”

DILEMA

“O prêmio Nobel de Economia James Meade estava equivocado ao imaginar a apicultura como uma espécie de idílio rural. As abelhas foram quase completamente industrializadas e a polinização, amplamente comercializada.

E isso nos coloca diante de um dilema. Ecologistas estão preocupados com a população de abelhas selvagens, que estão em franco declínio em diversas partes do mundo. Ninguém sabe ao certo o porquê. Entre motivos aventados estão parasitas, o uso de pesticidas na agricultura e o misterioso 'distúrbio do colapso das colônias', em que as abelhas simplesmente desaparecem e deixam a rainha para trás.

Como as abelhas domesticadas enfrentam as mesmas pressões, entraria em cena um princípio econômico simples – uma redução da oferta de abelhas acabaria pressionando os preços dos serviços de polinização.

Mas não é isso que os economistas estão vendo. O distúrbio do colapso das colônias tem tido efeito mínimo, considerando-se diversas métricas, sobre o mercado de abelhas. Produtores estão pagando basicamente a mesma coisa pela polinização, e os preços de novas rainhas praticamente não se mexeram.

Aparentemente, apicultores industriais conseguiram desenvolver estratégias para manter a estabilidade das populações usadas no negócio, seja comercializando e reproduzindo em cativeiro abelhas-rainhas ou dividindo colônias.

É por isso que não há redução na oferta de mel – ou de amên-



doas, maçãs ou blueberries. Pelo menos até agora. Deveríamos comemorar a ação de incentivos econômicos na preservação de parte da população de abelhas? Talvez.

Outra perspectiva é a de que o impulso da economia moderna de controlar e monetizar o mundo natural é justamente o que causou o problema.

Antes de a agricultura monocultora mudar ecossistemas, não havia a necessidade de levar as colmeias de Langstroth de um lado a outro para polinizar plantações – populações locais de insetos faziam o trabalho de graça.

Então, se quisermos um exemplo de externalidade positiva – algo que o mercado não regulado não produzirá na quantidade que a sociedade desejaria –, talvez devêssemos olhar para um uso da terra que contribuísse para a proliferação de abelhas selvagens e de outros insetos.

Campos de flores selvagens, talvez – e alguns governos já estão subsidiando esse tipo de iniciativa, assim como James Meade os aconselharia.”



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



OS POTES DE MEL

Altair Sales Barbosa

Tem-se registro de que as primeiras abelhas de origem europeia, conhecidas como *Apis mellifera*, foram introduzidas no Brasil em 1840 pelo padre Antonio Carneiro. Nos anos que se seguiram, entre 1870 e 1880, imigrantes alemães e italianos introduziram, no sul do Brasil e na Bahia, duas variedades dessa espécie, conhecidas como *Apis mellifera mellifera*, abelha preta alemã, e *Apis mellifera ligustica*, abelha italiana.

Aos poucos, alguns agricultores e pecuaristas começaram a levar colmeias dessas abelhas para certas áreas interioranas. Também é de se supor que, embora essas abelhas não tenham autonomia de voo, nem muita agressividade, é possível que migrações lentas, consecutivas e espontâneas tenham sido também responsáveis por sua interiorização.

A segunda leva de abelhas exóticas foi introduzida no Brasil, para fins científicos, em 1956, pelo professor Warwick Kerr. Por possuírem uma grande autonomia de voo e um grande

índice de agressividade, essas abelhas atacaram as colmeias das europeias e cruzaram com elas. Como são da mesma espécie, não houve problemas de hibridismo no cruzamento. Atualmente, há quem afirme que já não existem mais colmeias puras de europeias no Brasil, isto é, que todas são africanizadas.

Em meados de 1950, a apicultura brasileira sofreu grande perda, em função do aparecimento de algumas doenças. Foi então que o professor Kerr, com a autorização do Ministério da Agricultura, dirigiu-se à África com o objetivo de selecionar rainhas de colmeias africanas resistentes às doenças que afetavam as abelhas criadas no Brasil.

Essas abelhas exóticas pertencem ao gênero *Apis*, que significa ferrão. Elas possuem um ferrão ao final do corpo, onde armazenam substâncias tóxicas que, injetadas, causam lesões extremamente doloridas. As picadas, em alguns casos, provocam até mesmo a morte, tanto de seres humanos como de ani-

mais silvestres. As abelhas do gênero *Apis* são insetos sociais e depositam seu mel em favos sextavados.

Diferentemente das abelhas exóticas, as abelhas nativas não têm ferrão, por isso são classificadas de *Meliponidae*; englobam vários gêneros e espécies com comportamentos diferenciados. Com raríssimas exceções, a maior parte é dócil e não causa transtorno aos que se aproximam de seus ninhos.

São também insetos sociais, e algumas espécies são excelentes melíferas, produzindo um mel de alta qualidade. Essas abelhas, que também são responsáveis pela polinização de grande parte das plantas nativas, não depositam seu mel em favos, e sim em potes, que são ordenados no interior do ninho em forma de prateleiras.

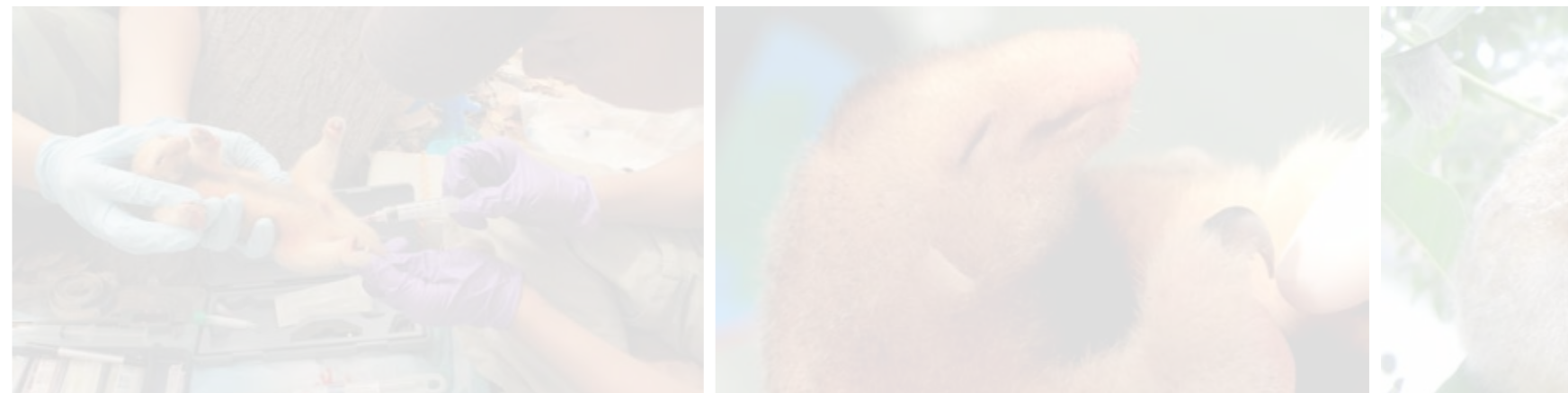


Altair Sales Barbosa
Antropólogo. Arqueólogo –
em "O Piar da Juriti Pepena"
– Editora PUC Goiás – 2014.

TAMANDUAÍ:

O MENOR E MAIS RARO TAMANDUÁ DO MUNDO

Suzana Camargo



Cientistas brasileiros são os únicos a estudar o *Cyclopes didactylus*.



Fotos: conexoplaneta.com.br

De pelagem muito densa e curta, com coloração amarelo-dourada, o tamanduaí (*Cyclopes didactylus*) é a menor e mais rara espécie de tamandua do mundo. Medindo cerca de 30 cm, sendo metade disso só de cauda, pesa não mais que 400 gramas.

Descrito pela primeira vez em 1758, o tamanduaí, tamandua-anão ou tamandua-seda, nomes pelos quais também é conhecido, habita florestas tropicais da América Central e do Sul.

No Brasil, acreditava-se, até a poucos anos, que a espécie só ocorresse na Floresta Amazônica e na Mata Atlântica. Mas foi encontrada uma subpopulação isolada no Delta do Parnaíba, a mais de 1 mil km de distância.

"Descobrimos essa população de tamanduaí, entre os Estados do Piauí e Maranhão, em 2009", conta Flávia Miranda, coordenadora do Instituto de Pesquisa e Conservação de Tamanduás do Brasil, em entrevista ao site Conexão Planeta. A organização sem fins lucrativos trabalha em prol da preservação não somente dos tamanduás, mas também de tatus e preguiças.

Acredita-se que os tamanduás nordestinos

possam ter sido separados das populações amazônicas na Era do Pleistoceno, quando as Florestas Atlântica e Amazônica retraíram, sendo substituídas pela Caatinga. Por essa razão, a espécie do Delta do Parnaíba pode ter traços genéticos e evolutivos diferentes daquela da qual foi originada.

Por essa razão, depois da descoberta no litoral nordestino, especialistas do Grupo de Tamanduás, Tatus e Preguiças da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) decidiram separar a subpopulação recém-descoberta daquela que vive na Amazônia. "Somente nosso grupo trabalha com essa espécie no mundo", afirma Flávia. "O tamanduaí é um animal bastante raro e desconhecido".

O que os pesquisadores do Instituto Tamandua sabem é que o tamanduaí tem hábitos noturnos. Descansa durante o dia e faz suas atividades à noite. É um animal arborícola, que vive nas árvores e raramente desce ao chão. Com exceção do período de reprodução da espécie, vive sozinho. Alimenta-se basicamente de formigas e, em menor número, de besouros.

Atualmente existem quatro espécies de

tamanduás conhecidas no mundo, sendo que três delas ocorrem no Brasil. Entretanto, ainda não se tem ideia do número de tamanduás que vivem no litoral nordestino.

O TAMANDUAÍ DO DELTA DO PARNAÍBA

Localizado em uma transição entre Cerrado, Caatinga, restingas e mangues associados a sistemas estuarinos, o Delta do Parnaíba é considerado importantíssimo do ponto de vista biológico, com muitas espécies ainda desconhecidas para a Ciência, muitas delas endêmicas e restritas a pequenas áreas.

É por esta razão, que o Instituto Tamandua iniciou o projeto "Tamanduaí, em Busca do Desconhecido". A ideia é transformar o animal em uma espécie guarda-chuva para a preservação dos ambientes costeiros e manguezais do litoral nordestino. "Guarda-chuva é como uma espécie símbolo. Preservando-a, assim como seu habitat, preservaremos todas as espécies que estão ao seu redor", explica Flávia Miranda.

O trabalho realizado pela pesquisadora e toda a equipe da ONG tem entre seus principais objetivos

gerar maior conhecimento sobre taxonomia, sistemática, ecologia e distribuição do tamanduaí; identificar áreas prioritárias e criar Unidades de Conservação para a espécie; e promover ações de educação ambiental para a sensibilização da sociedade.

"A grande carência de conhecimento sobre a espécie, e em particular sobre esta subpopulação nordestina, nunca antes estudada, aliada à crescente degradação do ambiente onde ela ocorre, faz com que se tornem urgentes estudos que levantem informações sobre sua biologia e ecologia, para que isso sirva de subsídio para implementação de futuras estratégias de conservação da espécie", destaca.



Suzana Camargo
Jornalista, em <https://conexoplaneta.com.br>.



O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Janaina Faustino

Falar em festa junina é falar de Nordeste, e uma boa dica é visitar Campina Grande, na Paraíba, para se esbaldar no arraial do “Maior São João do Mundo”, uma celebração que começou tímida, com apenas algumas barracas, no ano de 1983, e hoje junta mais de 2,5 milhões de pessoas em uma festança que dura nada mais, nada menos, do que trinta dias seguidos!

Em 2019, “O Maior São João do Mundo” acontece no período de 02 de junho a 02 de julho, no Parque do Povo, com atrações gratuitas em um grande palco aberto para os dois lados e com acesso pago para os camarotes. Todos os dias, talentos como Elba Ramalho, Aviões do Forró, Wesley Safadão, Os Gonzagas, Pablo, César, Menotti e Fabiano, Padre Fábio de Melo, Simone e Simaria, se juntam a artistas locais em shows que começam às 20h e nunca terminam antes da madrugada.

Espectáculo à parte em Campina Grande é o próprio Parque do Povo. Com seus 42 mil metros quadrados de área decorada com réplicas dos prédios históricos de Campina Grande, o clima de arraial interiorano do espaço é quebrado pelas famosas “Ilhas do Forró”,

onde se pode sacudir o esqueleto ao som dos trios de forró pé de serra, em bailes que nunca param!

Mas não é só de música e dança que se faz o “O Maior São João do Mundo”, lá no Parque do Povo. Diz a organização que ali há pelo menos 150 opções de lugares para se alimentar, com pratos que vão desde pamonhas e pés-de-moleque até os exóticos sushis da comida japonesa.

E para quem gosta de festa alternativa, tem muita atração paralela como o Arraiá de Cumpade, o Bar do Cuscuz, a Fazenda Santana, a Locomotiva do Forró, o Ônibus do Forró, o Sítio São João e a Vila do Artesão.

Mas, para não esticar conversa, você pode saber mais sobre o que fazer em Campina Grande durante os festejos e conferir a programação completa no site oficial do Maior São João do Mundo.



Janaina Faustino
Gestora Ambiental.

PEGADAS DE SANTO ANTÔNIO

José Gil Barbosa Terceiro

Na localidade Arroz, zona rural de Jerumenha, Piauí, encontram-se estranhas marcas impressas em um lajeiro, em formatos semelhantes aos de pés, que as pessoas da região dizem serem pegadas deixadas em tempos imemoriais por Santo Antônio, o padroeiro da cidade.

Conta o povo que o santo teria passado por ali em peregrinação, e como era um homem santo, deixou as marcas impressas na pedra, apenas para que os seus devotos soubessem da sua passagem por ali, como que querendo lembrar que aquele local, cheio de belezas naturais, era um lugar santo que merecia ser conservado.

O lugar, então, passou a ser local de devoção, tido como sagrado para os praticantes da fé católica que habitam a cidade de Jerumenha. O movimento de peregrinação na região é tão intenso que os moradores construíram uma pequena capela para abrigar as marcas dos pés do santo.

As pessoas vão ali para orar, pedir bênçãos e pagar promessas, sendo comum, como ex-votos, a oferta de velas, orações, bem como o depósito de pedras levadas por fiéis ao longo do caminho até ali, como que para se mostrarem dignos do santo, pelo martírio e sofrimento de carregar peso sob o sol quente do Piauí.



Fotos: 180 graus



José Gil Barbosa Terceiro
Folclorista, em <https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com>

POVOS DO CERRADO ARTICULAM ESTRATÉGIAS PARA GARANTIR PERMANÊNCIA EM TERRITÓRIOS TRADICIONAIS

Falta de reconhecimento e demarcações de territórios de uso coletivo e tradicionalmente ocupados foram o centro dos diálogos entre representantes de povos e comunidades tradicionais, Ministério Público Federal e governo; ICMBio e Mapa não atenderam ao chamado dos povos tradicionais.

Foram dias de intensos debates na capital federal. Representantes de povos e comunidades tradicionais (PCTs) se juntaram ao Ministério Público Federal e ao governo para, juntos, dialogarem sobre a realidade de territórios tradicionalmente ocupados e de uso coletivo em todo o Brasil, em especial, no Cerrado, hoje o Bioma mais ameaçado do país. Para isso, a Rede Cerrado trouxe para o centro das atividades a realização da sua II Oficina de Territórios.

Como parte da programação, a mesa de diálogos "Direito a Território e Políticas Públicas das Comunidades Tradicionais", que ocorreu no dia 8 de maio na sede da Procuradoria Geral da República (PGR), deu voz a diferentes realidades. Uma delas foi a do quilombola Raimundo Brandão, que trouxe o caso do quilombo Monte Alegre, no Maranhão. Dividido entre famílias que se autodeclararam quilombolas e famílias assentadas, o território sofre forte pressão para a divisão e titulação individual das terras. Se antes os conflitos eram marcados por disputas entre grandes fazendeiros e quilombolas, atualmente, as brigas são mais doídas, porque são entre membros da própria família. Divisão estimulada, segundo Brandão, pelo próprio Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o Incra foi um dos órgãos do governo federal que atenderam ao

chamado dos povos e comunidades tradicionais para o diálogo. Junto dele, a Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH) e a Secretaria de Coordenação e Governança do Patrimônio da União (SCGPU) também compareceram.

O convite também foi feito à Secretaria Especial de Assuntos Fundiários do Ministério da Agricultura (Seaf/Mapa) e ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que não compareceram ao evento.

Para Claudia de Pinho, presidenta do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), o governo não priorizou a agenda. "Uma vez que estamos à luz, não vamos voltar à escuridão", afirmou a pantaneira, garantindo a permanência para mais diálogos e a resistência para a manutenção dos espaços de participação social de povos e comunidades tradicionais.

Espaços estes conquistados pelos movimentos sociais, como o próprio CNPCT, mas que se encontram totalmente ameaçados pela vigência do decreto 9759/2019, que irá extinguir estes colegiados, bem como a própria Política Nacional de Participação Social, até o próximo dia 28 de junho.

Ezequiel Roque do Espírito Santo, secretário adjunto de Políticas de Promoção da Igualdade



Racial (Seppir), assegurou que o MDH encaminhará à Casa Civil o pedido de recriação do CNPCT, mas ele não garantiu que o Conselho será mantido com a composição atual.

Para o coordenador da 6ª Câmara – Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais – do Ministério Público Federal, Antônio Carlos Bigonha, a ausência parcial do Estado deixou a expectativa para que os representantes que compareceram aos debates levem aos outros órgãos do governo as mensagens necessárias.

A mesa de diálogos foi uma ação conjunta entre a Rede Cerrado, o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) e

o Ministério Público Federal, em parceria com organizações que debatem a defesa das Terras Tradicionalmente Ocupadas. O evento reuniu procuradores, representantes de movimentos sociais e lideranças de povos tradicionais de todo o país.

Uma das lideranças foi a quebradeira de coco babaçu e coordenadora geral da Rede Cerrado, Maria do Socorro Teixeira Lima. Durante o evento, ela destacou a importância de se manter o Cerrado – que já teve metade da vegetação original desmatada – em pé. Dona Socorro também falou sobre os modos de vida tradicionais como guardiões da biodiversidade e promotores do desenvolvimento sustentável.

ELEITA NOVA COORDENAÇÃO DIRETIVA DA REDE CERRADO

Reunidas em Brasília (DF) para a realização da VIII Assembleia Geral, 30 entidades associadas à Rede Cerrado elegeram nova coordenação diretiva para estar à frente da entidade nos próximos três anos.

Maria do Socorro Teixeira Lima, do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIOCB), foi reconduzida ao cargo de coordenadora geral da Rede Cerrado, com suplência de Hiparidi Top'tiro, da Mobilização dos Povos Indígenas do Cerrado (Mopic).

Assumem a coordenação administrativa financeira César Victor do Espírito Santo, da Fundação Pró-Natureza (Funatura), com suplência de Rose Mary Araújo, das Mulheres em Ação no Pantanal (Mupan).

A Rede Cerrado conta com o apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF, na sigla em inglês para Critical Ecosystem Partnership Fund) e do DGM/FIP (Dedicated Grant Mechanism for Indigenous People and Local Communities – Fundo de Investimento Florestal), do Banco Mundial.

Para saber mais acesse www.redecerrado.org.br.





ANJOS EM FORMA DE GENTE

Ingrid Bárbara

Avós parece que já nascem avós. Estava olhando para a minha vó ontem à tarde e comecei a imaginar como ela era na minha idade. Quais eram os papos com as amigas, como foi o primeiro beijo, as festas, os sonhos. Mas fiquei na minha, não perguntei. Prefiro crer que ela já nasceu avó.

Acredito que esse lance de ser avó(ô) seja vocação, sei lá. Só sei que eu tive sorte. Fui paparicada a vida inteira pelos meus. Ao lado da minha casa, lá no interior da Bahia, tinha uma padaria. Imagina só, sonho de toda criança. Todas as mi-nhas moedinhas eram convertidas em "Big Big", que na época custava 5 centavos. "Vovoinho, me dá uma 'niquinha'?". E, sem pensar, ele colocava a mão no bolso e retirava algumas moedas.

Todo dia era assim. Sem reclamar, sem fazer cara feia, atendia todos os meus pedidos. "Minha vó, que vontade de comer tal coisa". E lá ia ela buscar, preparar, mandava pegar em marte se preciso fosse. Mas o meu pedido era atendido. Até hoje é assim. Nunca gostei da minha cama, cama boa mesmo era a dos meus avós.

Dormia lá todas as noites, o lugar mais seguro do mundo. E mosquito nenhum se atrevia a chegar perto, ela passava a noite espantando-os do meu ouvido. Às vezes eu ainda nem tinha pegado no sono e via que ela acordava para ver se eu estava embrulhada direito.

O meu avô já virou estrela. Vez em sempre a saudade bate e eu rezo para que a gente se reencontre um dia. A minha avó, graças a Deus, continua ao meu lado. E apesar dos meus 20 e tantos anos, ainda me liga, todos os dias, para saber se eu já comi. Se eu pudesse inventar uma

lei universal, não tenho dúvidas que seria essa: avós devem viver para sempre!

É uma piada sem graça essa história que eles podem nos deixar a qualquer momento, logo eles que fizeram todas as nossas vontades, logo eles que fizeram os nossos pratos prediletos, os lanches mais gostosos, o denguinho que ninguém sabe fazer igual.

A casa dos nossos avós tem perfume, tem aconchego, tem cheiro de café no fim da tarde. O abraço deles é diferente, tem afeto, tem proteção, tem gostinho de quero mais. São anjos que Deus coloca disfarçados de gente para cuidar da gente. Como somos sortudos! Os netos crescem, criam asas, voam pelo mundo e eles continuam sempre ali.

O tempo às vezes não colabora, e eles vão ficando cada dia mais frágeis, o som do chinelo cada dia mais arrastado no corredor, os reflexos não são os mesmos, mas a disposição para nos agradecer permanece. Como nos despedir de seres tão especiais? Como dizer adeus? Como não desejar um último abraço, um último bate-papo no fim da tarde?

É triste, dói, o nó na garganta é inevitável. Mas tem coisas que estão além do nosso entendimento. E quando eles viram estrelas, é chegado o momento de agradecer pela sorte de ter convivido com eles e rezar para que estejam num lugar iluminado e cheio de conforto. No final das contas, fica uma saudade boa.

Ingrid Bárbara
Jornalista,
em <https://avosidade.com.br>.

O baile Na flor

Castro Alves

Que belas as margens do rio possante,
Que ao largo espumante campeia sem par!
Ali das bromélias nas flores doiradas
Há silfos e fadas, que fazem seu lar...
E, em lindos cardumes,
Sutis vagalumes
Acendem os lumes
Pra o baile na flor.
E então – nas arcadas
Das pét'las doiradas,
Os grilos em festa
Começam na orquestra
Febri a tocar...
E as breves
Falenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando
Girando,
Valsando,
Voando
No ar!...



Castro Alves
Poeta. Antonio Frederico de Castro
Alves (Curralinho, hoje Castro Alves,
Bahia, 14/03/1847 – Salvador,
Bahia, 06/07/1871).



ELEIÇÃO FOI UMA FRAUDE:

POVO TEM QUE DECIDIR OS RUMOS DO BRASIL

Emir Sader



Tão rapidamente quanto montou a monstruosa operação de fraude que levou a entrega da presidência do Brasil a um grupo de aventureiros, a direita insiste de transformar o capitão num presidente. Unanimemente os órgãos da velha mídia se pronunciam no sentido de que com esse cara não dá mais. Que ao invés de agregar, unir, somar forças, ele só desagrada, destrói, gera o caos. Alguns deles falam de que o governo que eles mesmos elegeram está desmilinguindo. O problema é que está arrastando o país.

Como foi possível que um presidente eleito com mais de 50 milhões de votos se revele incapaz de dirigir o país? Simplesmente porque o único objetivo da direita nas eleições era impedir que o PT voltasse a governar. Valia de tudo. Da mesma forma que a fraude do impeachment, as fraudes do processo, da prisão e da condenação do Lula, manipularam as eleições, mediante outra fraude, denunciada pela mídia,

mas absolvida pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Os resultados estão aí. Elegeram o único que tinha um certo caudal de votos, para se prestar à manipulação que levou à sua vitória e à derrota do PT. Não importava quão qualificado estava para governar.

Agora a mesma mídia que o apoiou diz que ele é um fracasso na economia, na educação, nas relações internacionais, em tudo. Depois de uma carreira de quase trinta anos inócua e cheia de irregularidades, em que foi acompanhado pelos filhos. Depois do Carlos ser um vereador notoriamente vinculado às milícias, com os evidentes sinais de relação com a morte da Marielle.

Mas preferiram isso, um personagem assim, qualquer coisa, contanto que garantisse, com a derrota do PT, a manutenção do modelo neoliberal, o único projeto que a direita tem para o Brasil. Não têm o direito de se surpreenderem com a política de liberação

geral do uso de armas, com a política de asfixia da educação com os gigantescos cortes de recursos e de liquidação da autonomia universitária. Tudo isso estava na campanha, com o gesto da arminha e com os ataques aos professores.

Um presidente fraudulento, que se negou a discutir e a explicitar o que iria fazer no governo, o primeiro que nunca participou de debates públicos, eleito por uma operação de manipulação da opinião pública com imagens forjadas difundidas por milhões de robôs, só poderia dar num presidente fraudulento.

Quem se diz decepcionado com ele, quem já manifestou disposição de substituí-lo, tem que se perguntar como o elegeram, como o preferiram, como deixaram de lado tudo o que sabiam dele, como toleraram a operação de fraude eleitoral.

Podem tentar uma operação de substituição, como se ele não tivesse cumprido com o que prometia. Na

verdade, a decepção da direita vem da incapacidade do governo organizar uma maioria para aprovar a continuidade do programa neoliberal, a reforma da previdência, no momento atual.

Toleram todo o resto, menos o que desvia a atenção e as energias do governo, o que desgasta o apoio para aprovar as medidas neoliberais do governo. Não importa que se dissemine o uso de armas, que governos estaduais coloquem em prática políticas de genocídio da população, que se destrua a educação pública no Brasil. Que a imagem do país no exterior seja absolutamente degradada. Mas não perdoa o bloqueio na aprovação dos projetos neoliberais.

A oposição democrática não pode ficar apenas olhando os movimentos da direita, não deve ficar opinando que alternativa seria menos ruim – a continuidade desastrosa do atual presidente, a posse do vice, o papel dos militares. Nada disso interessa, nem ao país, nem à democracia, nem ao povo brasileiro. Nada disso corrige a farsa eleitoral que impediu a expressão democrática do povo, que teria levado à eleição do Lula ou do Haddad.

É preciso voltar a denunciar a farsa eleitoral, a falsificação da vontade popular pela monstruosa operação de whatsapps e de robôs. A direita tem que pagar o preço pela eleição de um candidato que ela mesma considera incapaz de governar o país. Não pode simplesmente substituí-lo por quem o acompanhou nessa operação criminosa.

É preciso dar a voz ao povo, em condições transparentes, democráticas. É preciso denunciar a operação que desviou o país do caminho que todas as pesquisas mostravam que era o preferido, no primeiro turno. A esquerda tem que polarizar contra todas as alternativas da direita e não ficar torcendo por alguma delas, preferindo algum eventual mal menor.

As contradições que se dão no seio da direita ocuparam até aqui o centro do cenário político. É hora de a esquerda voltar a se apresentar como alternativa, mostrar que o país é viável, é governável, que foi governado muito bem pela esquerda, quando as eleições se deram de maneira democrática.



Emir Sader
Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que queremos."



O AMOR EM TEMPOS DE IRA E DE ÓDIO

Leonardo Boff

Vivemos no Brasil bolsonariano e no mundo afora tempos de ira e de ódio, fruto do fundamentalismo e da intolerância, como se viu em Siri Lanka, onde centenas de cristãos foram assassinados no momento em que celebravam a vitória do amor sobre morte na festa de ressurreição.

Este cenário macabro nos faz renovar a esperança de que, apesar de tudo, o amor é mais forte do que a morte. A palavra amor foi banalizada. É amor daqui, é amor daí, amor em todos os anúncios que apelam mais para os bolsos do que para os corações. Temos que resgatar a sacralidade do amor.

Precisamos inovar nosso discurso sobre o amor para que sua natureza e amplitude resplandeçam e nos acalentem. Mais e mais fica claro que o amor é um dado objetivo da realidade global, um evento feliz da própria natureza da qual somos parte.

Seres se relacionam e interagem por pura gratuidade e alegria de conviver. Tal relação não responde a uma necessidade. Ela se instaura para criar laços novos, em razão de certa afinidade que emerge espontaneamente e que produz o deleite. É o universo do surpreendente, do fascínio, de algo imponderável. É o advento do amor.

Esse amor se dá desde os primeiríssimos elementos basilares, os quarks, que se relacionaram para além da necessidade, espontaneamente, atraídos uns pelos outros. Surge um mundo gratuito, não necessário, mas possível, espontâneo e real.

Trata-se do amor cósmico que realiza o que a mística sempre intuiu: vigência da pura gratuidade. Diz o místico Angelus Silesius: "A rosa não tem por quê. Ela floresce por florescer. Ela não cuida se a admiram ou não. Era floresce por florescer".

Não dizemos que o sentido profundo da

vida é simplesmente viver? Assim o amor floresce em nós como fruto de uma relação livre entre seres livres e com todos os demais seres.

Mas como humanos e autoconscientes, podemos fazer do amor, que pertence à natureza das coisas, um projeto pessoal e civilizatório: vivê-lo conscientemente, criarmos as condições para que a amorização aconteça entre os seres inertes e vivos. Podemos nos enamorar de uma estrela distante e fazer uma história de afeto com ela.

O amor é urgente nos dias atuais, onde a força do negativo, do antiamor, parece prevalecer. Mais que perguntar quem pratica atos de terror é preciso perguntar: por que foram praticados? Seguramente o terror surgiu porque faltou o amor como relação que enlaça os seres humanos na bem-aventurada experiência de se abrir e acolher jovialmente um ao outro.

Digamo-lo com todas as palavras: o sistema mundial imperante não ama as pessoas. Ele ama bens materiais, ama a força de trabalho do operário, seus músculos, seu saber, sua produção artística e sua capacidade de consumo. Mas não ama gratuitamente as pessoas como pessoas.

Pregar o amor e gritar: "amemo-nos uns aos outros como nós mesmos nos amamos" é ser revolucionário. É ser absolutamente anticultura dominante.

Façamos do amor aquilo que o grande florentino, Dante Alighieri, testemunhava: "o amor que move o céu e todas as estrelas".



Leonardo Boff

Filósofo e Teólogo. Escreveu: Reflexões de um velho teólogo e pensador, Vozes 2019. Excerto do artigo publicado pelo autor em seu site www.leonardoboff.com, em 25/04/2019, editado por limitações de espaço.



A LUTA CONTRA O RACISMO NO CORAÇÃO DO BRASIL

Durante 4º Encontro Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo de Estado, em Goiânia, mãe de Marielle Franco e entidades que combatem o racismo apontam a quantidade absurda de assassinatos de pessoas negras.



Foto: Mafisa Lima
Iêda Leal (E), Marinete da Silva, Roseane Ramos e Mônica Cunha: resistência

A Secretaria de Combate ao Racismo da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) tem exercido um trabalho fundamental no encaminhamento de políticas para promover a igualdade racial.

Compete à pasta coordenar e propor políticas; fortalecer e fomentar a criação e o funcionamento de Coletivos Estaduais e Municipais junto às entidades filiadas; desenvolver estudos, pesquisas, projetos e publicações para subsidiar a CNTE e suas afiliadas no monitoramento e na implementação do Estatuto da Igualdade Racial e do ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na educação brasileira.

Como titular da pasta, coordenadora nacional do Movimento Negro Unificado (MNU) e vice-presidenta da Central Única dos Trabalhadores no Estado de Goiás (CUT - GO), procuro realizar atividades que atendam a todas essas especificidades, visando sempre a luta contra o racismo, a garantia do direito à vida do povo negro, que é sistematicamente exterminado no nosso país, levando a discussão antirracista aos locais de trabalho, ajudando as pessoas a se prepararem para o enfrentamento diário do racismo.

No mês de maio, em mais uma dessas atividades para denunciar a violência que vitima os negros diariamente, a mãe da vereadora Marielle Franco (negra, ativista política dos direitos humanos, foi assassinada a tiros em 14 de

março de 2018, em um crime até hoje sem elucidação total), a advogada Marinete da Silva, esteve em Goiânia e participou do 4º Encontro Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo de Estado, de uma roda de conversa na sede do MNU e da Rádio Trabalhador, reafirmando a luta das mães que tiveram seus/suas filhos/as exterminados/as pelo Estado brasileiro.

Nessa roda de conversa, uma das denúncias reforçadas foi a de a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Segundo a 5ª edição do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), divulgada no ano passado, a possibilidade de jovens negros serem assassinados é 2,88 vezes mais do que a de jovens não negros, sendo a arma de fogo o principal meio utilizado nos crimes.

Diante desses dados amedrontadores, todos/as juntos/as e unidos/as, CNTE, MNU, movimentos sindicais, Marinete da Silva e tantos/as mais, devemos honrar o legado de Marielle Franco, símbolo de resistência dentro e fora do Brasil e, além de mantermos vivo o seu legado, continuarmos na luta contra o Estado brasileiro que ainda se apresenta racista e genocida do povo negro. Parem de nos matar! Vidas negras importam!



Iêda Leal
Tesoureira do SINTEGO; Secretária de Combate ao Racismo da CNTE; Conselheira do Coordenadora Nacional do Movimento Negro Unificado - MNU; Vice-Presidenta da CUT-GO.

LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



FAROFA DE FORMIGA

Lúcia Resende

Outro dia um leitor da Xapuri nos perguntou sobre formigas comestíveis. Pesquisamos e soubemos que as formigas sempre foram usadas na dieta dos nossos povos indígenas e que, ao longo de séculos, essa tradição foi sendo repassada para as populações sertanejas do interior do Brasil.

No Nordeste, até hoje a formiga tanajura, também conhecida como içá, é usada no preparo de vários petiscos, torrada na manteiga, como se fosse amendoim, ou em farofas com farinha milho ou de mandioca.

Para a farofa, servida como iguaria em locais famosos como o Mercado São José, em Recife, se separam as pernas e a cabeça da formiga-rainha e, com o abdômen, se faz um refogado com alho, cebola e outros temperos, ao qual se agrega a farinha.

A receita que se segue encontramos no site de Ana Maria Brogui (<https://www.anamariabrogui.com.br>):

INGREDIENTES

Azeite a gosto
Cheiro Verde
Farinha
Formigas Tanajura ou Içá
Tomates picadinhos
Cebola picada

MODO DE PREPARO

1. Limpe as içás retirando as pernas, asas e cabeça.
2. Coloque-as de molho em água morna com sal por 20 minutos.
3. Retire a água.
4. Leve a uma frigideira com óleo e frite por alguns minutos. Acrescente também a cebola.
5. Quando estiverem torradas (mas não queimadas!), acrescente a farinha.
6. Por fim, desligue o fogo e acrescente os tomates. Mexa bem e sirva.

BROMÉLIAS NÃO PROPAGAM DENGUE

Eduardo Pereira

Em Brasília, as águas de março já se foram, o tempo da seca já chegou e, mesmo assim, o vírus transmitido pela fêmea do mosquito *Aedes Aegypti* continua fazendo centenas de vítimas em todas as cidades do Distrito Federal.

Com medo da dengue, que se espalha por outros estados brasileiros, muita gente tem exterminado as bromélias de seus vasos e jardins. Isso com base na crença de que, por reterem água no meio de suas folhas, essas lindas plantas ornamentais também são responsáveis pela proliferação do *Aedes Aegypti*.

Felizmente, um estudo desenvolvido pelo biólogo Marcio Mocelin, do Instituto Oswaldo Cruz (IOC - Fiocruz), no Rio de Janeiro (RJ), mostrou que as bromélias não propagam dengue, já que o mosquito só se reproduz em água limpa e parada, e o líquido retido entre as folhas das bromélias é composto por um suco biológico que o torna impróprio para a reprodução do *Aedes Aegypti*.

Mocelin avaliou 156 bromélias durante um ano inteiro, e apenas 0,07% de um total de 2.816 formas imaturas de mosquitos coletadas nas bromélias durante o período correspondiam ao *Aedes Aegypti*. E mesmo no mês de abril, período em que houve a maior taxa de captura, das 376 formas imaturas encontradas nas bromélias analisadas, apenas dois exemplares eram equivalentes ao gênero *Aedes*.

Portanto, nada de implicar com as bromélias, porque a culpa não é delas!



GLEISI HOFFMANN:

AS PESSOAS JÁ SABEM QUE A REFORMA DA PREVIDÊNCIA SÓ É BOA PARA OS RICOS

Rodrigo Couto



Em uma entrevista inédita, concedida ao jornalista Rodrigo Couto, para a Revista Xapuri Socioambiental, a presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, fala sobre os desafios do PT, os riscos do governo Bolsonaro, Lula e o futuro das esquerdas e do Partido dos Trabalhadores. Por uma limitação de espaço, uma segunda parte da entrevista será publicada na edição de julho de 2019.

X - Diante da atual conjuntura político-econômica de crise, a senhora acha que é o momento de o PT reconquistar sua credibilidade entre os trabalhadores e trabalhadoras?

G - O PT tem provado que o golpe contra a presidenta Dilma era mesmo para implementar uma política econômica voltada para o mercado financeiro. Estamos conseguindo mostrar o legado que deixamos. Um exemplo é o investimento em educação, que durante os governos do PT foi um dos maiores da história.

X - Incluindo desmontar a acusação de que o PT quebrou o Brasil?

G - Assim como a acusação de que o PT quebrou o país. Está ficando claro que, a partir de 2015, a economia começou a degingolar com as pautas-bomba e o boicote ao governo Dilma. As pessoas lembram que a vida era muito melhor, havia emprego e renda, milhões saíram da miséria, o Brasil tinha credibilidade lá fora, havia respeito à diversidade e aos direitos humanos por parte do governo.

X - Como assim?

G - Estão vendo quem é realmente Bolsonaro, um presidente despreparado e sem projeto de país, tanto é que a popularidade dele só vem caindo entre os mais pobres e, agora, também entre os ricos. Só o gueto de extrema direita, preconceituoso e racista, vai ficar com ele.

X - Qual a reação do PT?

G - O PT tem conversado com a população, em bate-papos e encontros, conscientizando e ouvindo as pessoas, nos reaproximando de quem faz pouco tempo estava conosco, votava em Lula e em Dilma. Estamos nos reconectando com as comunidades, com os movimentos sociais, e isso está sendo muito produtivo.

X - O governo Bolsonaro enfrentou um grande movimento nacional em defesa da educação nos dias 15 e 30 de maio. Na sua avaliação, qual o recado que fica para o Bolsonaro e seus eleitores?

G - Os estudantes deram início a um movimento de resistência importantíssimo, um marco da reação ao governo Bolsonaro. A manifestação do dia 15 foi gigantesca, como há muito não se via, e a última também foi muito expressiva e representativa com meninas e meninos voltando às ruas para mostrar que não vão arredar o pé enquanto os cortes continuarem. A do dia 30 colocou quase dois milhões de pessoas nas ruas, o movimento cresce a olhos vistos.

X - O que fica de resultado?

G - Quem votou no Bolsonaro está vendo que foi enganado. Ele prometeu que o país iria melhorar e o que estamos vendo é o desmonte do ensino público e a retirada dos direitos dos trabalhadores. Na economia então, nem se fala, até agora Paulo Guedes não conseguiu propor nada que conseguisse conter o avanço do desemprego e a depressão econômica para onde estamos caminhando. O recado é: não sairemos das ruas e vamos resistir até o fim a esse desgoverno destruidor e austericida. Dia 14 de junho tem Greve Geral e depois vem mais.

X - Atualmente, o tema em destaque no Congresso Nacional é a reforma da Previdência. O que o PT vem fazendo para barrar essa reforma e os projetos que estão na agenda que retiram os direitos dos trabalhadores?

G - O PT denuncia todos os dias o que representa a reforma da Previdência para os trabalhadores e aposentados, porque ela os atinge também, mostrando que os mais prejudicados serão as mulheres, os mais pobres e os

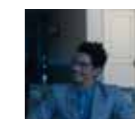
trabalhadores rurais. Há também uma ação conjunta dos partidos de oposição na Câmara, estamos fazendo debates e questionando o governo sobre os impactos da reforma. Precisamos de mais tempo, não dá para aprovar uma reforma sem fazer o debate com a sociedade, ela é absurda!

X - Quais são as perspectivas para a Reforma da Previdência?

G - Pelo menos uma parte da PEC 06 não será aprovada, nem o Centrão quer. Estamos lutando contra o resto. O PT fez ajustes na Previdência, mas nunca foi contra os direitos dos trabalhadores. Agimos sobre os privilégios, a partir de 2013, com a reforma feita pela presidenta Dilma, por exemplo, a aposentadoria dos servidores públicos foram equiparadas à do Regime Geral, e criamos os fundos de previdência complementar. Ao contrário da reforma de Bolsonaro, que é cruel com os mais pobres.

X - Em sua opinião, por que o governo Bolsonaro tem tanta pressa em aprovar a reforma da Previdência?

G - O propósito de Paulo Guedes é cumprir a agenda do mercado financeiro, implantar o regime de capitalização e reduzir recursos para o direito dos trabalhadores. Ele quer implementar a política neoliberal do Estado mínimo, privatizar as riquezas nacionais. E Bolsonaro governa para a elite, ele não está nem aí para o povo brasileiro que sofre todos os dias para sobreviver. Quer criar uma cortina de fumaça para esconder seu desgoverno, que acaba com tudo o que vê pela frente.



Rodrigo Couto
Repórter Especial



Zezé Weiss

**CHICO, KARIM,
KLEBER, JULIANO,
ELZA:
PREMIADA A ARTE
BRASILEIRA DA RESISTÊNCIA**

Zezé Weiss

Pode ser que tudo resulte de uma grande coincidência, mas o fato é que os astros parecem ter conjurado para fazer do mês de maio um tempo de grandes prêmios para a arte brasileira.

No dia 21, o cantor, compositor, escritor e militante político Chico Buarque de Holanda lavou a alma do povo brasileiro ao ganhar o Prêmio Camões, o mais importante reconhecimento outorgado a escritores da língua portuguesa.

Por fina ironia, os cem mil euros do prêmio são pagos com recursos dos cofres públicos do Brasil e de Portugal. Ou seja, ainda que por meios oblíquos, o Brasil teve que reconhecer a genialidade de seu filho rebelde, o brilhante escritor de livros como *Estorvo*, *Benjamin*, *Budapeste*, *O Irmão Alemão* e *Leite Derramado*, e letrista ímpar da música popular brasileira.

No dia 24, o cineasta cearense KarimAinouz ganhou o primeiro lugar na mostra *Um Certo Olhar*, do Festival de Cinema de Cannes, na França, com a obra *A Vida Invisível de Eurídice Galvão*, sobre a história de duas irmãs no Rio de Janeiro dos anos 1950.

No dia 25, na França, o filme *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, retratando um povoado no sertão brasileiro, ganhou o Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 2019, um dos mais importantes do mundo. *Bacurau* empatou na primeira colocação com *Les Misérables*, produção francesa de Ladj Ly.

Por fim, no dia 26, agora em terras nacionais, Elza Soares, a intérprete que imortalizou a música "Meu Guri", de Chico Buarque, a grande cantora negra que perdeu muito cedo o filho que teve com Garrincha, recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS.

Vivemos, pois, um raro e alvissareiro momento de esperança. Ao condecorar pela primeira vez uma artista popular e negra, umas das vozes brasileiras mais eloquentes contra a discriminação e o racismo, a UFRGS se posiciona do lado de quem luta contra a injustiça e o preconceito.

Ao conceder, por justiça, o Prêmio Camões a Chico Buarque de Holanda, a comunidade lusófona comete a heresia de premiar um desafeto da direita brasileira, um incondicional lutador da resistência democrática, um caro amigo das liberdades, que jamais se omitiu de somar sua voz ao coro das milhares de vozes que clamam por #LulaLivre.



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss



**LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA**

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

CORTES DE VERBA NA EDUCAÇÃO: RETROCESSO E DESCASO COM O FUTURO DO BRASIL

Bia de Lima

**Governo anuncia cortes que provocam
perdas imediatas para o ensino básico do país**

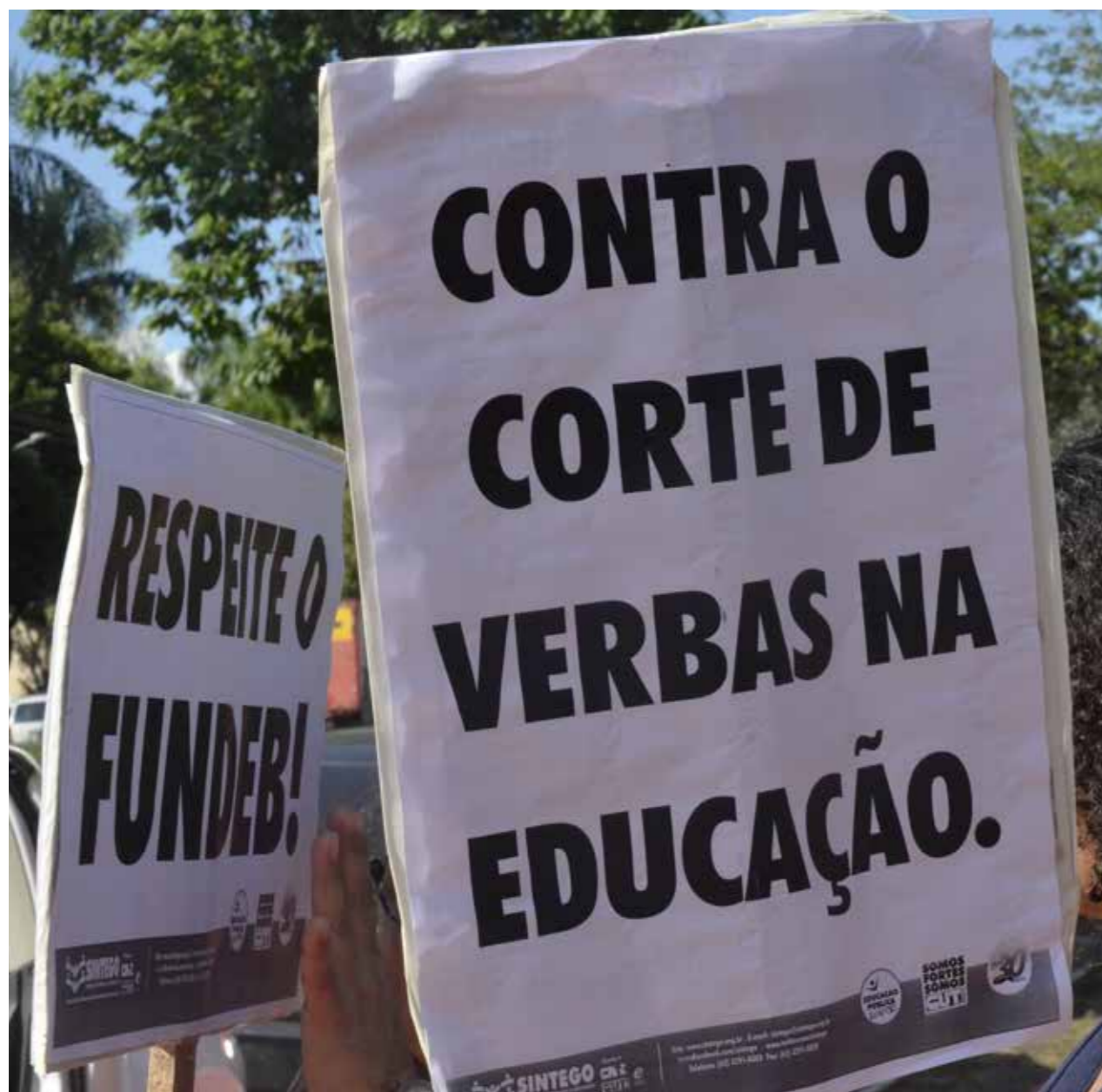


Foto: Laura Brega

No início do mês de maio, o Governo Federal e o Ministério da Educação (MEC) anunciaram cortes na Educação que atingem em aproximadamente 47% o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FUNDEB), em todo o Brasil. Para esclarecer a sociedade, na intenção de que todos/as saibam a importância de tal recurso e o quão prejudicial é o seu corte, devemos popularizar a função do Fundo que é destinado à promoção de políticas públicas para a Educação Básica e Secundária nos municípios e estados.

Cerca de 85% do custo médio de cada aluno/a do ensino básico público é pago Fundeb, cuja verba vem dos impostos dos três níveis de governo e é redistribuída de modo a evitar desigualdades entre regiões. O valor, que neste ano está estimado em R\$ 156 bilhões, é estipulado de acordo com o número de alunos/as e o segmento em que eles estão.

O Fundeb tem ainda o objetivo de repasse de acréscimo no salário dos/as professores/as que, em média, chega a R\$ 350 na renda dos/as docentes. Em muitos municípios, além do acréscimo de renda, serve como custeio da Educação, devido a situação caótica das cidades.

Em 2007, o fundo foi remodelado, com vigência até 2020 - sua nova formulação precisa ser debatida pelo Congresso Nacional ainda neste ano. Segundo especialistas, o MEC ainda não se posicionou oficialmente sobre o assunto, mas durante uma reunião com o

Conselho Nacional de Secretários de Educação e a União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação, o ministro Abraham Weintraub afirmou que proporá um novo Fundeb "mais parrudo" e que privilegiará o direcionamento de novos recursos, quando surgirem, para o fundo. Vale ressaltar, que este é o segundo titular do MEC em cinco meses do Governo Bolsonaro, mas, até o momento, nenhum deles apresentou medidas que valorizassem os/as profissionais da área ou algo positivo para a pasta, apenas polêmicas.

Ainda que o Governo Federal alegue que não há corte e, sim, contingenciamento, é inegável o impacto econômico e o reforço do sentimento de descaso vivido por alunos/as, professores/as e gestores/as da rede pública de ensino.

O Fundeb é indispensável para garantir ações dos governos com estudantes dos níveis infantil, fundamental e médio; da educação especial de jovens e adultos; de ensino profissional integrado; e com estudantes das escolas localizadas nas zonas urbanas e rurais.

É hora de o Governo Bolsonaro priorizar a Educação como prometeu durante a campanha eleitoral, além de priorizar a igualdade de oportunidades. Investir em educação, é investir diretamente no desenvolvimento de todas as outras áreas, como segurança, saúde e trabalho. Caso isso não aconteça, continuaremos sem grandes perspectivas, vítimas de um governo que não prioriza o seu futuro e reféns da má gestão atual.

#SintegoNaLuta

#PelaEducaçãoPública de Qualidade



Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.





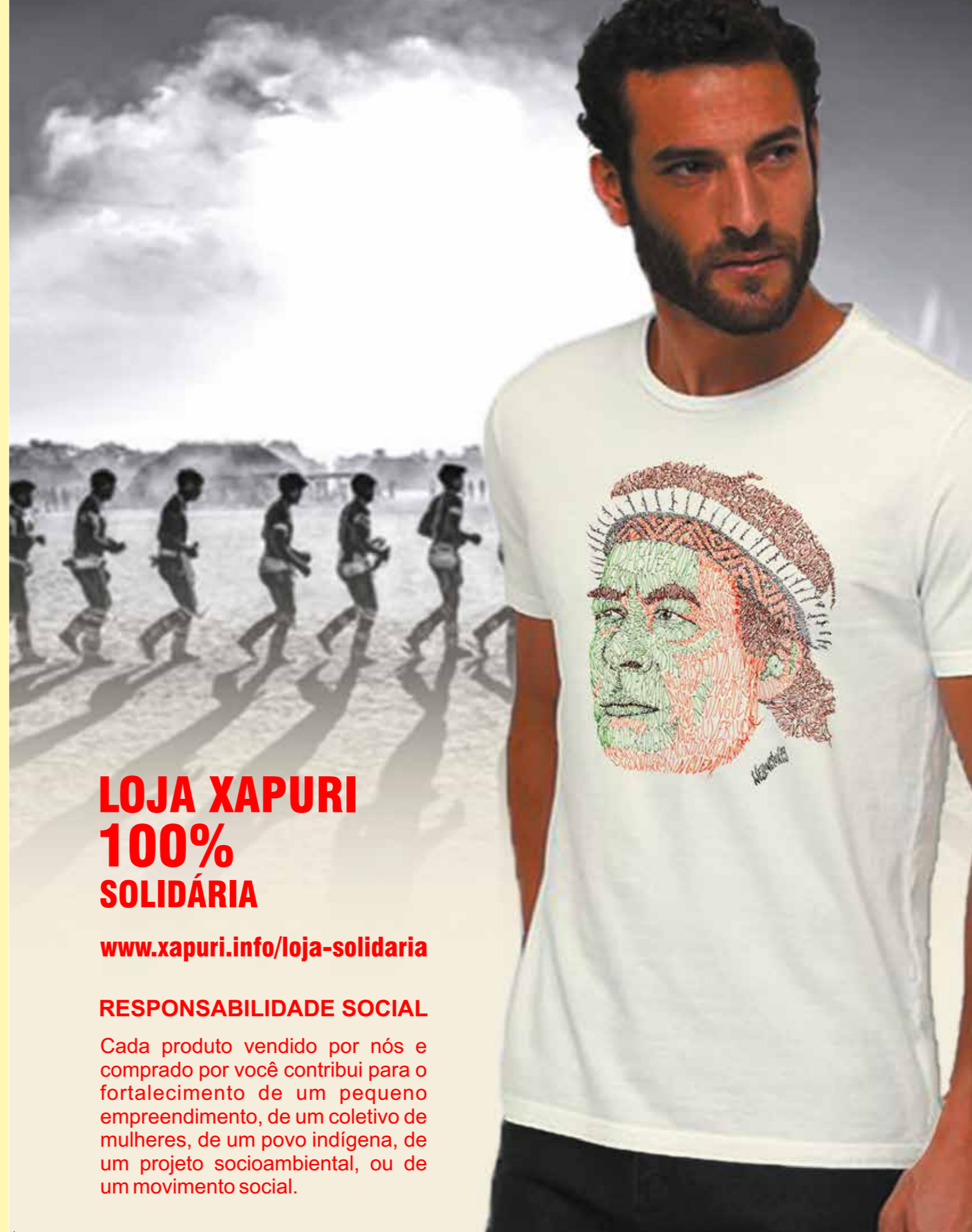
SER ÍNDIO NO BRASIL NOS DIAS DE HOJE ...

— Ailton Krenak

É ter que lutar a cada dia para se fazer respeitar.
É proteger a vida, proteger a aldeia, proteger a nossa própria segurança pessoal.
É manter-se vivo.
É tentar proteger os lugares onde nós vivemos – o rio, a floresta – com a nossa própria vida, porque o Estado está totalmente rendido.
É uma situação de “salve-se quem puder”.
É defender o direito à vida, o direito de ir e vir e de se expressar, porque estão todos em suspenso.
É assistir a uma disputa muito grande do interesse privado sobre o interesse comum. Como o povo indígena vive de uma maneira que expressa o direito coletivo, ele fica muito exposto a essa violência colonialista que quer devastar tudo.
É sofrer por Belo Monte, lá no Xingu; pelos índios Kaiowá Guarani, no Mato Grosso do Sul; pelos Guaranis, no Pico do Jaraguá, em São Paulo; pelos Uru-Eu-Uau-Uau, em Rondônia.
Tudo isso são exemplos gritantes da violência que tem sido feita contra o interesse coletivo dos povos indígenas do Brasil nos dias de hoje.



Ailton Krenak
Líder Indígena



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

ANAMÃ: METADE DO ANO NA ÁGUA, OUTRA METADE NA TERRA

Fábio Zuker



Foto: RAPHAEL ALVES

Em Anamá, os problemas começam e terminam com a água. A cidade está localizada na confluência dos Rios Purus e Solimões, no interior do Amazonas – tornando-os extremamente fartos em peixes e fertilizando as terras para as pequenas produções agrícolas. As enchentes, que chegam a durar mais de cinco meses, obrigam a população a adaptar toda a arquitetura da cidade e os seus hábitos.

Na seca, a água fica lodosa, os peixes morrem e o acesso ao lago grande e às comunidades rurais se torna impossível. Em qualquer época, a água de consumo humano é de baixíssima qualidade: barrenta, ferrosa e malcheirosa. Nesse município, o aquecimento global não é uma hipótese longínqua, cujos efeitos serão sentidos em um futuro distante, mas uma realidade cotidiana.

A partir de meados de dezembro, com o aumento das chuvas que eleva os Rios Purus e Solimões, Anamá vai para debaixo d'água. A enchente pode durar até o mês de junho. Por não ter sistema de esgoto, conforme a água vai subindo, as fossas caseiras começam a vazar. Por estar em uma região de várzea

de rio, o solo é barrento e, portanto, incapaz de reter fluxos de água. Aumentam as picadas de cobras e escorpiões, já que os animais acabam buscando as casas flutuantes como refúgio. Jacarés invadem os quintais.

É nessa época que ocorrem surtos de diarreia, micoses, hepatite A e B. As pessoas caminham pelas ruas ainda pouco alagadas, porém com água suja e contaminada pelos coliformes fecais das fossas sanitárias. Uma água pesada e que se move lentamente.

Conforme as águas vão subindo, aumenta a vazão do rio, dejetos humanos e outros tipos de lixo são arrastados pela correnteza. A força da água só não é maior pois os flutuantes à beira do paraná (braço de um rio) funcionam como uma peneira, diminuindo a vazão e impedindo que entrem grandes troncos na cidade, que neles ficam retidos.

Todos os carros precisam ser levados de balsa para a vizinha cidade de Manacapuru (a distância é de 90 quilômetros) e a locomoção pela cidade passa a ser feita exclusivamente por canoas e rabetas. O transporte para a escola, o policiamento, a remoção de

lixo, as compras e idas à igreja, o encontro nos botecos próximos à praça principal, todas as dimensões da vida e da morte, na água e em canoas.

Os moto-táxis param de funcionar – ainda não desenvolveram um sistema de canoa-táxi – e seus condutores têm de se dedicar a outras atividades como a pesca ou trabalhar como auxiliares de descarregamento no porto. Essa atividade se torna menos penosa já que, com as águas elevadas, não é mais necessário subir e descer a rampa de difícil acesso ao terminal fluvial.

Construído na beira do paraná, o Hospital Francisco Salles de Moura, de Anamá, é anualmente renovado: “entra ano, sai ano, tudo isso aqui vai para baixo d’água”, afirma Dager Dourado, clínico geral que vive entre Anamá e Manaus. Para o médico, as cheias afetam o trabalho de atendimento à população e a rotina do hospital.

Durante as cheias, o hospital é transferido para um flutuante. Apesar da maleabilidade, a estrutura do hospital é, ano a ano, fragilizada. Algumas máquinas são fixadas no chão e não podem ser transferidas, passando cerca de dois meses submersas. As paredes apresentam rachaduras estruturais. “O hospital sofre isso desde 2012. Na época da construção, fez-se um estudo histórico. Não tinham essas enchentes”, garante o médico Dager. Os gastos com reformas no edifício pós-cheia são enormes.

A Escola Estadual Tancredo Neves, que também fica na beira-rio, foi totalmente reconstruída e “levantada” para aguentar as cheias. Luzinei Seixas de Oliveira, o vigia do edifício, conta que “essa escola era no térreo, junto com a rua. Qualquer enchente que tinha ela estava na água. A maior dificuldade é o material que perde”.

É através da arquitetura da cidade que podemos ver a forma pela qual as pessoas estão adaptando suas vidas. Quando aconteceram as primeiras cheias, em 2005, ainda sem a intensidade daquela de 2009, os moradores começaram a construir, às pressas, marombas, criando andares intermediários, mezaninos, em suas próprias casas e negócios.

Francisco Nunes Bastos (PMN) é o prefeito da cidade. Conhecido pelo apelido de Chico do Belo, ele conta que houve até um movimento para mudar a cidade de lugar; tirá-la da região de várzea para a de terra firme, na região de Arixi, junto ao lago grande de Anamá. Entretanto, a população não aderiu ao plano, já que durante a seca o acesso a Arixi fica praticamente impossível. Com receio de criar uma Anamá fantasma, que nunca seria habitada, a prefeitura abandonou o plano.

CHEIAS E SECAS CADA VEZ MAIORES

Nos últimos dez anos, foram registradas seis cheias extremas na região amazônica – três das cinco maiores enchentes desde que se iniciaram as medições no Porto de Manaus, em 1903, ocorreram a partir de 2009.

Verifica-se também, nos últimos anos, o aumento da amplitude entre o nível de águas durante as duas fases, ou seja: as cheias são cada vez mais cheias, e as secas cada vez mais



Fotos: amazoniareal.com.br

secas. É no aquecimento das águas superficiais do Oceano Atlântico, decorrentes do aumento da temperatura global, que cientistas buscam as possíveis causas para essa talvez irreversível mudança no ecossistema da Amazônia.

“Com uma terra mais quente, mais água evapora no oceano, e mais chuvas na Amazônia”, resume Marco Oliveira, geólogo e pesquisador do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), vinculado ao Ministério de Minas e Energia. Com a transpiração da floresta, massas de ar úmido se deslocam em direção ao centro-sul do Brasil e países vizinhos, provocando as chuvas nessas regiões. A floresta amazônica não fabrica água, mas “a Amazônia recicla água”, afirma o pesquisador. Isso tem uma função direta em todo o ecossistema sul-americano.

O alemão Jochen Schongart, cientista florestal e pesquisador associado ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), chama a atenção para outros fatores que interferem na intensificação do ciclo hídrico da Amazônia, marcado pelo aumento na amplitude entre cheias e secas (média histórica de 10,2 metros), que ultrapassou 13 metros em vários anos durante as décadas recentes. Esse aumento de cheias é causado principalmente pelo aquecimento das águas superficiais do Atlântico Tropical, durante o período chuvoso, e, simultaneamente, pelo esfriamento das águas superficiais do Pacífico Equatorial.

As alterações climáticas causadas pelos fenômenos conhecidos sob o nome de *El Niño* e *La Niña* também influenciam os regimes de chuvas e o ciclo hídrico da Amazônia, explica Jochen. O *El Niño* decorre de um aquecimento incomum das águas frias do Pacífico, principalmente da costa litorânea do Peru, Equador e Chile. Esse aquecimento provoca chuvas inusuais na região, diminuindo o regime pluviométrico na Amazônia – e conseqüentemente aumentando as chuvas no Sul e Sudeste do Brasil. *La Niña* é o fenômeno inverso: as águas frias do Pacífico tornam-se ainda mais frias, causando mais chuvas na Amazônia – e conseqüentemente diminuindo as chuvas no Sul e Sudeste.

Para o pesquisador alemão, o aumento da frequência e da magnitude é inquietante. O ano de 2012 foi o recorde de cheia de Manaus desde que se iniciaram as medições: “Estamos falando da maior hidrobacia do mundo, quase 20% das águas doces do mundo. Então é algo para se preocupar”, alerta Jochen, que também chama a atenção para as conseqüências que podem ter a construção de usinas hidrelétricas na alteração desses ciclos hídricos.

A ÁGUA QUE NÃO É DE BEBER

“Todo mundo que chega aqui de fora adocece”, conta a enfermeira Fabrícia Nunes Batalha. Na cheia ou na seca, a qualidade da água em Anamã é péssima, alvo de reclamações constantes por parte dos moradores. “De manhã, a água é podre, podre, podre. A água fede e vem toda cheia de ferrugem”, reclama Nadione Correia Batalha. “A pior coisa da cidade é a água”.

Em Anamã, quem pode compra água mineral para beber, cozinhar e até tomar banho. Quem não tem os recursos para isso, vai periodicamente às duas principais fontes existentes na cidade: uma dentro da Escola Estadual Tancredo Neves e outra no balneário, nas imediações do bairro Esmeralda Moura, o mais atingido pelas cheias.

O agricultor Luiz Ribeiro dos Santos conta que é do poço que retira a água para viver. “Esse poço é uma bênção que joga água para a cidade todinha. Se não fosse ele, era difícil conseguir água boa. Porque essa encanada vem toda enferrujada”. Muitos, além de só usarem as águas do poço, ainda colocam gotas de cloro, já que mesmo essas águas são contaminadas pelas fossas sanitárias. “A água melhor para a gente tomar aqui, nem ela serve”, afirma Manoel Alves, também agricultor.

Luizinho Lelis de Chagas, autônomo, que trabalha em Anamã fazendo transporte de mercadorias no porto, comenta que “a cidade fica alagada, inundada, mas não para”. “Aqui são seis meses na terra, seis meses com água”, afirma um sargento da Polícia Militar da cidade que pediu para não ser identificado. O geólogo Marco Oliveira chama a atenção para o fato de Anamã ser a única cidade onde, em tempo de enchente, a Defesa Civil não interfere construindo pontes, pois a cidade já se adaptou.

Nada parece indicar aos pesquisadores que essa seja uma situação reversível ou mesmo temporária. A hipótese com a qual trabalham parece ser a de que o nível de chuvas na Amazônia tende a se intensificar. Mudanças climáticas em nível global afetam diariamente a população de pequenas cidades no coração da Amazônia, e a previsão, segundo Marco Oliveira, é que passem a existir cada vez mais “Anamãs” na Amazônia.



Fábio Zuker

Jornalista. Matéria publicada originalmente no site Amazônia Real, editada por limitações de espaço. Visite o site: <http://amazoniareal.com.br> para a leitura do texto completo. É muito bom, vale a pena.



NÃO VAMOS
PERMITIR
QUE NOSSAS
FLORESTAS
SEJAM
DESTRUÍDAS.

CHICO MENDES

**LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA**

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



A professora Roberta e seus alunos felizes com o trabalho realizado na horta.

Fotos: Deva Garcia

EC Basevi aposta em horta comunitária para incentivar a educação ambiental

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Prova disso, um estudo conduzido pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) apontou que cada brasileiro consome cerca de 5,5 quilos de agrotóxicos anualmente.

Como o nome sugere, os agrotóxicos são produtos tóxicos nocivos para a saúde e podem causar diversas doenças como, problemas neurológicos, motores e mentais, distúrbios de comportamento, problemas na produção de hormônios sexuais, infertilidade, puberdade precoce, má formação fetal, aborto, endometriose, atrofia dos testículos, câncer de diversos tipos e muitas outras.

Entretanto, graças ao projeto de Agroecologia "Escola e Comunidade Sustentável", os alunos do 1º ao 5º ano, da Escola Classe Basevi, em Sobradinho,

aprendem, desde cedo, valores socioambientais e têm acesso à uma realidade um pouco diferente da maioria dos brasileiros e brasileiras.

Desenvolvido pela professora e engenheira agrônoma Roberta Sara de Sousa Matos, o projeto atende a comunidade da Vila Basevi e do Assentamento Rural Chapadinha com uma horta escolar totalmente orgânica. Na horta, os alunos cultivam diversas espécies como, rabanete, alface, coentro, cebolinha, couve, repolho, salsa, morango, batata inglesa. Além de aprenderem técnicas de jardinagem com o plantio de flores dalias, zínias, calêndulas, cravos-da-índia. Desta forma, a iniciativa fortalece a construção de saberes ecológicos, sociais, econômicos, culturais, políticos, éticos e sustentáveis.



Além de verduras e hortaliças, os alunos cultivam diversas espécies de flores



Animado, o estudante Marcos Paulo, 11 anos, explica sobre as técnicas de compostagem e consorciação de culturas que aprendeu. "A compostagem é uma cobertura morta que ajuda as plantas a nascerem bem. Com ela, economizamos água e isso impede que nasça mato na horta. Já a consorciação é o casamento de duas plantas. Isso protege o solo e diminui as pragas".

De acordo com a professora Roberta Sara de Sousa Matos o projeto está vigente desde 2012 e tem gerado resultados positivos.

"Os estudantes desenvolvem a coordenação motora e a concentração, aprendem noções de matemática, na hora de medir os canteiros, português, por meio de novas palavras, compreendem a importância da consciência socioambiental, da alimentação saudável e do respeito pela natureza e pelo trabalho do agricultor", ressalta.

A professora concluiu explicando que um dos vários pontos positivos do projeto é o acesso dos alunos a um ensino que perpassa o Currículo da Educação Básica.

"Estamos felizes com os resultados obtidos. O projeto tem sido instrumento de assimilação de conhecimentos interdisciplinares, tem aumentado o interesse dos alunos pelos conteúdos e a frequência escolar, incentivado a produção de alimentos saudáveis para complementar a alimentação escolar e trabalhado questões de gestão ambiental como, a separação e a reciclagem do lixo, preservação do ambiente escolar, da comunidade e o melhor, eles levam esse conhecimento adiante".



MARIA DE DEA, A BONITA MARIA DE LAMPIÃO: CORAGEM, VALENTIA E PAIXÃO NO CANGAÇO

*"Por que até o cabra mais tihoso
Tem uma pessoa
a quem dizer
'Sim, Senhora.'"*

Iêda Vilas-Bôas



Neste mês de junho, quando as tradições nordestinas são celebradas com intensa alegria, a homenageada é Maria Gomes de Oliveira, mais conhecida por Maria de Dea. O justo e merecido apelido de Bonita veio depois de sua morte, quando sua saga extrapolou os sertões nordestinos e alcançou os gerais do Brasil.

Falemos primeiro de Maria de Dea. Em 8 de março de 1911, no povoado de Malhada da Caiçara, na época município de Santo Antônio da Glória e hoje município de Paulo Afonso, na Bahia, veio ao mundo mais uma flor na casa de Maria Joaquina da Conceição e de José Gomes de Oliveira.

A gosto do pai seria mais um menino para ajudar no trabalho de amansar burros bravos. A gosto da mãe, mais uma menina para dividir o repetitivo trabalho doméstico. Chegou bem formada, traços bem feitos, desde criança era bonita. Cresceu prendada, afeita aos bordados e caprichosa em seus afazeres, porém era brava e geniosa.

Diziam que a menina era aluada, cheia de vontades e, ao ser contrariada, tinha reações por vezes violentas, que despertava em quem estivesse por perto, fosse cachorro, gato ou gente.

Virou moça cobiçada pela sua beleza, com muitos pretendentes, e escolheu por esposo o sapateiro bem apessoado, falante e tocador de sanfona, Zé de Neném. Casou-se muito jovem, aos 15 anos.

Acontece que o moço tocava muito, cantava ainda mais, mas não cumpria muito bem os deveres conjugais. Maria de Dea não era feliz no casamento. Assim, ele saía pra tocar em um forró e ela ia para outro. Ali ela dançava, ria, falava alto, bebia e não se importava com o falatório a seu respeito.

Nesse ponto tornou-se uma mulher empoderada, cheia de si e corajosa, que transgredia os fundamentos da sociedade em que vivia. Comentavam a boca miúda que

ela tinha amantes, mas tal assunto ficava mesmo no cochicho, ninguém era doido de afrontá-la. Vai lá saber a reação da moça? Entre um forró e outro, o casamento se desmanchou. Dessa união nem filhos restaram.

Numa das brigas entre o casal, Maria de Dea estava na casa de sua mãe e apareceu o Capitão Virgulino, conhecido como Lampião. Seu coração bateu mais forte quando ele lhe perguntou se ela sabia bordar e se podia bordar um lenço com as iniciais de seu nome que ele voltaria para buscar em uma semana.

Demorou trinta dias para retornar, o bordado foi feito no maior capricho e, depois, o Capitão fez-lhe a corte e namoraram por um ano com o apoio dos pais de Maria de Dea. A moça já tinha se decidido: ia embora com o Capitão. Seria uma oportunidade de conhecer outros cantos e de colocar em prática sua valentia e coragem.

Ela sabia que Lampião era o chefe dos cangaceiros e sabia do estilo de vida que ele levava. Era justamente isso que a atraía. O Capitão era famoso, uma grande celebridade naquela época. Tinha dinheiro, poder, e era um valentão. Poderia lhe oferecer segurança e aventuras.

Lampião também ficara atraído por aquele bonito rosto, por aquele corpinho perfeito e harmonioso, da pequena morena (tinha 1,56m) e pediu ajuda à mãe de Maria de Dea para formalizar a ida da moça para seu bando.

Tudo firmado e acordado, o ano era 1929 e Maria de Dea, com 18 anos, acompanhou de livre e espontânea vontade o Capitão Virgulino Ferreira da Silva. Passou a ser a primeira mulher integrante do Cangaço e recebeu o título de D. Maria, a Rainha do Cangaço. Nessa vida viveu oito anos, de acordo com o relato oficial. Tempo de muita aventura, muito sacrifício, muita andança e muita festança também.

D. Maria engravidou quatro vezes, em duas sofreu aborto, os filhos eram natimortos, na terceira, supostamente, foi mãe de gêmeos, que receberam nomes de Ananias Gomes de Oliveira e de Arlindo Gomes de Oliveira, e deles não se soube o paradeiro.

A última gravidez foi de uma menina que recebeu o nome de Expedita de Oliveira Ferreira Nunes. Esta foi entregue com oito dias de vida a um casal de vaqueiros, amigos de Lampião. O choro de uma criança no sertão ecoava mais que uma revoadada de pompos, assim explicava Lampião para sua "Santinha", como se dirigia a D. Maria, que foi obrigada a deixar a menina, ação que muito lhe feriu o coração.

A partir de então, ela passou a pedir que Lampião deixasse aquela vida e passasse a ter uma vida comum, pra criarem Expedita. Lampião era categórico em afirmar e reafirmar seu destino de ser reconhecido como Rei do Cangaço. E não fez a vontade da companhia. Leite do peito secou, as lágrimas também secaram, as balas continuaram zunindo no pé do ouvido de D. Maria e a peleja entre cangaceiros e macacos foi se acirrando. Uma guerra no sertão.

Maria de Dea, a "Santinha" de Lampião, foi mulher vanguardista. Estava mesmo "à frente do seu tempo" em muitos aspectos, mas não a podemos considerar uma feminista, na medida em que ela apoiava e ratificava o brutal comportamento masculino dos cangaceiros em relação às outras mulheres.

Apoiou a morte de Lídia, que traiu João Baiano, apoiou raptos, como o de Dadá de Corisco, quando esta tinha somente treze anos, e não se incomodava com a opressão e violência física em que viviam suas colegas de cangaço.

Era uma líder que seguia os ditames machistas de seu bando. Por exemplo, apoiava e achava que as mulheres não deveriam

participar das lutas armadas, no máximo que possuísem um revólver e o punhal para defesa de sua honra.

Era adepta de que as mulheres do bando cumprissem certa rotina familiar e fizessem o básico de uma casa como cozinhar, cozer, bordar, organizar os coitos, amolar e limpar os instrumentos etc. Para ela, a Rainha, algumas funções de destaque. Ela sabia e atirava.

Convém que destaquemos um aspecto importante de sua personalidade: a vaidade. Seu cabelo era penteado com esmero e grampos e fitas eram colocados em pontos minuciosamente escolhidos. A Rainha Maria adorava adornos de ouro, batom, pó de arroz, perfumes e cinema.

Ciumenta e rancorosa, Maria de Dea não raro apresentava comportamento violento, e é famoso o caso em que tirou o brinco com orelha e tudo da fazendeira que se engraçou com Lampião.

No contexto da construção da força feminina tem papel de destaque, pois agiu a favor da própria liberdade e estimulou outras mulheres a seguirem seu exemplo, mesmo em tempos futuros.

Entretanto, D. Maria não possuía consciência política de gênero e não conhecia o poder da sororidade. Se tivesse tido a chance de seus horizontes terem alcançado essa perspectiva, com certeza o Cangaço teria muito mais história para ser contada sob a liderança de Maria de Dea, porque a seu modo ela foi uma insurgente, aquela que acreditava ser capaz de construir seu próprio caminho juntamente com seu companheiro, o Capitão Virgulino, e seu Bando.

A noite do dia 27 de julho havia sido de baile e alegria na gruta de Angicos, muitos cangaceiros dormiram por ali mesmo, a Rainha e o Rei do Cangaço preferiram dormir, como de costume, um pouco mais afastados do Poço Redondo, em Sergipe.

O dia 28 de julho de 1938 dava

os primeiros sinais de clareamento, nhambu piava no escuro, Maria de Dea, já havia acendido o fogo e colocava a chaleira para fazer o café. De repente um baque, um estalido seco. A sua mão instintivamente tenta cobrir o rombo feito em seu estômago.

Ela olha para o lado e vê o Capitão que foi morto enquanto dormia, tenta correr, não há mais tempo. É segurada pelos cabelos que cuidou tanto e sente, ainda viva, o fio do facão a rasgar sua pele macia. Dói. Ela se contorce e grita: - Macacos, desgraçados! Tenente Bezerra de merda! Volante do Demônio! Fomos traídos!

Quem pôde correu e fugiu na capoeira. D. Maria perdeu a guerra. Foi degolada por "Sebastião do Facão" ainda viva, assim como Lampião, porém este já estava morto; outros nove cangaceiros foram degolados também e as cabeças todas expostas na escadaria da Prefeitura de Piranhas (AL).

O apelido Maria Bonita só se difundiu após sua morte. Conta-se que os seus algozes ficaram impressionados com sua beleza e, assim, deram a ela essa soberba alcunha.

Repórteres dos jornais do Rio de Janeiro passaram também a tratá-la por Maria Bonita, inspirados

no filme Maria Bonita, lançado em 1937 e baseado na obra de mesmo nome de Afrânio Peixoto, de 1921.

Em reconhecimento ao valor histórico dessa personagem feminina, em 2006, a Prefeitura de Paulo Afonso restaurou a casa de infância de Maria Bonita, instalando ali o Museu Casa de Maria Bonita.

Essa é a história oficial, existe outra que hora dessas vamos contar. Uma em que ouvindo o sexto sentido de Maria Bonita, Lampião deixa em sua tenda dois de seus companheiros que foram abatidos em seus lugares e que essa emboscada foi planejada.

Maria Bonita e Lampião tomaram canoa pelas águas tranquilas do Rio São Francisco, descendo, descendo até aportar-se em terras mineiras. O desmonte do Bando teria sido somente uma vírgula no meio de outra fantástica história do sertão.

O que importa é que celebremos a coragem, a valentia e a paixão de Maria Bonita pelo perigo, pela aventura e por seu amor: Lampião. Salve, Maria Bonita!



Iêda Vilas-Boas
Escritora



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



CONFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO PAULO FREIRE

Em Defesa de uma Educação Libertária e Democrática
Construindo o Movimento Pedagógico Latino-Americano

26 A 28 DE JUNHO DE 2019
CURITIBA • BRASIL



PARA PARTICIPAR,
PROCURE O SEU SINDICATO.

CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Filiada à
CUT
BRASIL

Internacional
da Educação

CEA

FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação



**CAMPANHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA**

**ASSINE A XAPURI E GANHE,
AGORA, UMA LINDA CAMISETA
DA RESISTÊNCIA,
COM FRETE GRÁTIS PARA
QUALQUER LUGAR DO BRASIL.**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **190**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **290**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE